

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

***John Dos Passos: O Homem, o Escritor, o
Artista e a Ilha da Madeira***

Mestrado de Antropologia em Culturas Visuais

Versão corrigida e melhorada após defesa

Márcia Daniela Dias Fernandes

setembro|2017



**UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
FACULDADE DAS CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS**

Mestrado de Antropologia em Culturas Visuais

RELATÓRIO DE ESTÁGIO – Para a Obtenção do Grau de Mestra

John Dos Passos: O Homem, o Escritor, o Artista e a Ilha da Madeira

**Direção Regional da Cultura da Madeira
Centro Cultural John Dos Passos**

Márcia Daniela Dias Fernandes

Lisboa, setembro de 2017

Ficha de Identificação

Nome do Estudante: Márcia Daniela Dias Fernandes

Número de Aluno: 47090

Curso: Mestrado de Antropologia em Culturas Visuais

Contacto: marciafernandes1994@outlook.pt

Estabelecimento de Ensino: Universidade Nova de Lisboa (UNL) – Faculdade das Ciências Sociais e Humanas (FCSH)

Docente Orientador na FCSH: Catarina Alves Costa

Instituições de Estágio: Direção Regional da Cultura da Madeira – Centro Cultural John Dos Passos

Morada: Rua Príncipe D. Luís nº3, 9360-218, Ponta do Sol

Telemóvel: 291 974 034

Supervisor na Organização: Marisa Santos Costa

Grau Académico: Mestra em Ciência Política Europeia

Contacto: marisasantos@gov-madeira.pt

Duração do Estágio: cerca de 6 meses

Data do Início do Estágio: 01 de setembro de 2016

Data da Conclusão do Estágio: 17 de dezembro de 2017

Ano Letivo: 2016/2017

Dedicatória

Excerto do discurso de John Dos Passos em agradecimento à sua homenagem feita na Ponta do Sol:

“Desculpem eu não falar a língua dos meus avós. Como sabem o meu avô deixou a Ponta do Sol há muito mais de cem anos. É deveras enternecedor para mim ser recebido com tão grandeza gentileza e consideração. [...]. Mais tarde o meu pai tornou-se cada vez mais interessado a respeito da Madeira e das suas raízes portuguesas. Quando eu tinha oito anos trouxe-me, por algumas semanas ao Funchal. Assim quando aqui cheguei há dias reconheci os rochedos cor púrpura, o mar azul, os mergulhadores e as pequenas lagartixas que correm através dos jardins do Reid’s Hotel. Recordo amável hospitalidade de amigos e parentes da Madeira.”

John Dos Passos, 1960

Foi com este pequeno excerto que em 2014 surgiu na minha mente a pergunta a que procurei responder na exposição *John Dos Passos – o homem, o escritor, o artista e a ilha da Madeira*: “Quem realmente foi John Dos Passos e qual a sua ligação com a Ponta do Sol?”. Esta pergunta ecoou muito tempo na minha cabeça, durante os meses em que trabalhei no Centro Cultural através do projeto *Jovens em Formação* e mesmo depois de findar a minha participação nele, a pergunta nunca calou. E não calou até aos dias que passei no meio de livros – do próprio John Dos Passos, mas também de muitos outros escritores que tiveram nele a mesma curiosidade que eu- à procura das respostas à minha pergunta. Foram quatro meses de descoberta e pesquisa em que encontrada a resposta a uma pergunta, surgiam logo mais uma ou duas. O resultado final foi a exposição. Exposição essa que dedico a todo o meu povo conterrâneo da Ponta do Sol. Não elaborei a pesquisa só para saciar a minha curiosidade, mas também para saciar a deles, pois sabia que a mesma questão ecoava na mente de muitos pontassolenses!

Agradecimentos

Agradeço primeiramente à Universidade Nova de Lisboa – Faculdade das Ciências Sociais e Humanas por todo o apoio disponibilizado ao longo dos dois anos de mestrado.

A todos os docentes que contribuíram para a minha aprendizagem, construção e formação profissional, especialmente à Professora Catarina Alves Costa por ter aceitado ser minha orientadora tão tardiamente. Fico-lhe muito agradecida por desde a primeira reunião me ter tirado todas as dúvidas que tinha e por me ter orientado na escrita do relatório, o seu apoio foi fundamental.

Não posso também deixar de agradecer à Dr^a Natércia Xavier, Diretora da Direção Regional da Cultura, por ter aceite o meu estágio no Centro Cultural John Dos Passos e à Dr^a Marisa Santos por ser sido a minha orientadora do estágio e por estar sempre atenta e pronta a responder a todas as minhas perguntas e dúvidas. Não poderia nunca me esquecer da Dr^a Patrícia Sousa e de toda a ajuda que me deu durante os seis meses de estágio. Foi uma ajuda preciosa e uma excelente colega de trabalho. Agradeço também à dona São pelo seu carinho e companheirismo, à Cristina pela amizade e ao Dr^o José Manuel pelos momentos divertidos que nos proporcionou.

Um especial agradecimento ao Dr^o Manuel Freitas pela ajuda e pelo excelente trabalho gráfico e estético. Sem o seu contributo a exposição final nunca teria sido tão bem-sucedida. Esta exposição é tanto da minha autoria como da sua. Parabéns!

Por último e não menos importante, tenho de agradecer infinitamente aos meus pais, irmãos e amigos mais chegados, por todo o apoio ao longo da minha licenciatura e agora do meu mestrado e por nunca me deixarem desistir, mesmo que o caminho fosse duro e tortuoso. Aos meus pais devo tudo isto. Sem a sua ajuda e apoio nunca poderia ter vindo estudar para Lisboa.

Resumo

Dia 1 de setembro de 2016 iniciou o meu estágio, com a duração de cerca de seis meses, no Centro Cultural John Dos Passos. Durante todo esse tempo muito aprendi não só relativamente ao meu projeto bibliográfico sobre o escritor – uma exposição -, mas também quanto à organização e gestão de uma biblioteca, ao trabalho dos bastidores realizado antes dos espetáculos e demais apresentações, e desenvolvi as minhas competências relativas às visitas guiadas com turistas.

Para melhor compreender o enquadramento do estágio no Mestrado de Antropologia em Culturas Visuais, começo por fazer um enquadramento teórico. Primeiramente esclareço o conceito de Antropologia e o longo processo que sofreu até ser aceite como uma área de estudo. Depois de vários anos de luta e de finalmente ser aceite como uma ciência, começam a surgir ramificações da Antropologia, como a da Cultura Visual que também terá especial destaque ao longo do relatório.

Sendo o Centro Cultural John Dos Passos composto por dois espaços museológicos, achei pertinente fazer também um enquadramento teórico sobre a museologia e a história dos museus, e sobre o património e o surgimento deste conceito, bem como as suas características.

Em seguida, passo ao relatório dos seis meses de estágio, onde começo por clarificar a organização hierárquica da Secretaria Regional da Economia, do Turismo e da Cultura onde o Centro Cultural está incluído. Posteriormente descrevo o espaço do Centro Cultural e as suas diversas divisões, onde durante o estágio, trabalhei. Para finalizar, especifico as tarefas que desempenhei ao longo dos seis meses, bem como narro detalhadamente a organização da exposição final e para arrematar descrevo o dia da abertura da exposição.

Palavras Chave: Antropologia; Culturas Visuais; Museus; Estágio; Centro Cultural John Dos Passos; Exposição; John Dos Passos;

Índice Geral

Introdução	2
1. Antropologia, Cultura Visual e Património Imaterial	4
2. Os museus e as suas metamorfoses	10
3. O Estágio	14
3.1. Enquadramento do Centro Cultural John Dos Passos	15
3.2. O Centro Cultural John Dos Passos.....	16
3.3. O estágio e a elaboração da exposição	22
3.3.1. A abertura.....	25
Conclusão	30
Bibliografia e Webgrafia	32
Anexos	34

Índice de Figuras

Figura 1 - Casa Antiga	16
Figura 2 - Máquina de Costura e Mesa de Cabeceira Antigas	17
Figura 3 - Objetos para Higiene Pessoal do séc. XIX	17
Figura 4 - Cómoda do séc. XIX	17
Figura 5 - Cama do séc. XIX coberta por colcha em Tricot	17
Figura 6 - Armário de arrumação típico das casas nobres	17
Figura 7 - Cozinha Antiga	18
Figura 8 - Cesta do Pão e Gravuras sobre o amassar do pão	18
Figura 9 – Louceiro	18
Figura 10 - Forno a lenha e tábua onde se ponha o pão a levedar	18
Figura 11 - Gravuras Diversas	19
Figura 12 - Sala Principal da Biblioteca	19
Figura 13 - Espólio Bibliográfico	19
Figura 14 - Local Reservado da Biblioteca	19
Figura 15 - Arvore genealógica da família dos Passos e ao escritor	20
Figura 16 - Família Dos Passos	20
Figura 17 - Visita de John Dos Passos à Ponta do Sol em 1960	20
Figura 18 - Estudos sobre John Dos Passo	21
Figura 19 - Revista Times a destacar o escritor e a sua trilogia U.S.A.	21
Figura 20 - Obras de John Dos Passos	21
Figura 21 - Abertura da Exposição	28
Figura 22 - Abertura da Exposição	28

Listagem de Siglas

CCJP – Centro Cultural John dos Passos

RAM – Região Autónoma da Madeira

DRC – Direção Regional da Cultura

FCSH – Faculdade das Ciências Sociais e Humanas

SRETC – Secretaria Regional da Economia, do Turismo e da Cultura

Introdução

Escolhi o Centro Cultural John Dos Passos para realizar o meu estágio curricular no âmbito do Mestrado de Antropologia em Culturas Visuais, pois há algum tempo tinha o desejo de poder lá trabalhar. Este estágio consistiu na elaboração de uma pequena exposição sobre um escritor americano conhecido internacionalmente e com ligações genealógicas e afetivas à ilha da Madeira: John Dos Passos (ver em anexo os painéis da exposição e o respetivo vídeo).

Desde os meus tempos de ensino básico que frequentava o CCJP nos eventos dedicados à população estudantil de Natal, Páscoa, fim de ano escolar, entre outros. Mas o nome John Dos Passos despertava-me muitas interrogações. Nunca havia percebido o porquê de atribuírem o nome de um americano ao edifício, quando na Ponta do Sol tivemos várias figuras ilustres e conhecidas. Só aquando da minha participação no programa *Jovens em Formação* – projeto da RAM que prepara, durante os meses de verão, os jovens estudantes para o ambiente de trabalho - em 2014 é que percebi que John Dos Passos tinha ligações à Ponta do Sol, e o Centro Cultural teve o seu nome por intercedência da Dr^a Maria do Carmo. Ainda assim ficaram muitas questões por responder e cresceu mais a vontade de saber um pouco mais sobre o escritor.

Ora quando tive de definir um projeto para a realização do estágio curricular e o apresentar à DRC, já tinha uma ideia bem definida do que queria fazer: uma exposição biográfica sobre John Dos Passos. Tendo o estágio de estar relacionado com o Visual/Visualidade, considerei que a exposição (que seria à base de imagens acompanhadas de texto explicativo) para além de estar perfeitamente enquadrada na área, também era uma mais valia para o CCJP e por isso sempre estive confiante de que a proposta seria aceite. Assim foi!

No presente relatório considero relevante começar por fazer um enquadramento da história da Antropologia: onde surgiu, os nomes mais conhecidos, a sua constante luta para se afirmar nas demais ciências e o seu processo de evolução ao longo dos tempos. Seguidamente, como não pode deixar de ser, encontrarão um enquadramento da Cultura Visual, da Museologia, Etnologia e do Património Imaterial, onde explico a relação entre estes conceitos e o seu processo de desenvolvimento e aceitação. Sendo o meu projeto uma exposição à base da imagem e do texto e tendo o CCJP uma sala de exposições permanentes dedicada a fotografias sobre o escritor e a sua família, faz todo o sentido

tentar perceber o conceito da Cultura Visual e a importância do “visual” e da “visualidade” nas sociedades atuais. Por sua vez, a existência de dois espaços museológicos no Centro Cultural, também torna pertinente o estudo, reflexão e contextualização dos museus e da museologia. Este é o terceiro ponto do presente relatório e nele pode-se perceber um pouco da história da criação dos museus, bem como as mudanças e adaptações ao longo dos anos.

O quarto ponto do relatório, e o mais importante, trata do estágio curricular. Dividido em três subtemas, explico e dou a conhecer o CCJP e relato ao pormenor todo o trabalho desenvolvido ao longo dos seis meses. Trabalho esse que não se restringiu apenas a elaboração e inauguração da exposição, mas também a dar apoio noutras áreas quando necessário, como por exemplo: biblioteca, recepção e visitas guiadas.

1. Antropologia, Cultura Visual e Património Imaterial

Junto com o aparecimento da fotografia, em 1840, a Antropologia viu despontar uma outra vertente: a cultura visual. Mas apesar desta vertente já ter nascido há alguns séculos, é apenas na segunda metade do século XX que as Culturas Visuais são reconhecidas como uma dimensão visual da Cultura.

Apesar de já ser reconhecida enquanto dimensão da cultura, ainda teve de percorrer um longo caminho até ser considerada uma área científica. Só quando os estudantes das Culturas Visuais perceberam que era necessário passar o olhar e o visível para a representação e para o que é visual, é que as Culturas Visuais passaram a ser aceites enquanto disciplina. Também o facto de os estudiosos incluírem a interação entre o observador e o observado na produção, distribuição e consumo das imagens, contribuiu significativamente para que tal acontecesse.

O conceito de Cultura Visual, tal como Ricardo Campos defende, ainda não possui uma terminologia consensual entre todos os estudiosos. Se por um lado alguns antropólogos defendem que este é um conceito, outros contrapõe afirmando que é apenas um adjetivo utilizado para caracterizar a cultura moderna. Mas ainda há um terceiro grupo de antropólogos que defende que a Antropologia em Culturas Visuais é uma temática dentro da disciplina das Culturas. Sendo a Cultura Visual uma área de estudo recentemente desenvolvida - resultante de outras áreas já existentes - não se resume a uma determinada área. Ao invés disso recorre a outras disciplinas de carácter científico, artístico, histórico e humano para tentar compreender a relação entre as imagens, os filmes, o olhar e a visão que, desde o seu aparecimento, sempre estiveram presentes no quotidiano e nas culturas. Posto isto, os estudos em Culturas Visuais abrangem diversas áreas de estudo e são vários os profissionais que se debruçam sobre este tema, desde artistas, arquitetos, historiadores de arte, antropólogos, psicólogos e sociólogos até editores de imagem, vídeo e filme.

Ao analisarmos as Culturas Visuais somos inevitavelmente encaminhados para a criação das culturas humanas, os seus traços de linguagem e as suas formas de ver o que lhes rodeia. Desta forma, quando se estuda a Cultura Visual de uma determinada sociedade ou povo, não se tem só como objeto de estudo as imagens, mas também os textos escritos, as formas de comunicação e as relações sociais e culturais que se iniciam

na criação e partilha dos bens visuais independentemente da qualidade ou das classes sociais.

“(…) a Antropologia interessa-se pelas múltiplas produções simbólicas, a *arte de elite*, a *arte de massas* ou a *arte popular*, não fazendo juízos de natureza estética acerca da qualidade de tais produtos ou processos.”
(CAMPOS, 2012, p. 29)

Walker e Chaplin (1994, p.1-2) também já haviam defendido a ideia de Cultura Visual como um agregado de artes materiais, imagens, vídeos e filmes, edifícios, produções, dos media e performances, elaborados pela imaginação humana com diversos fins (lazer, estética, política, comercialização, entre muitos outros...) e com o intuito de despertar o sentido da visão. Todavia o termo Cultura Visual pode também ser utilizado como um adjetivo à cultura contemporânea que está firmemente ligada à imagem. Os países ditos de primeiro mundo, que são altamente consumistas e globalizados e onde a inovação, a tecnologia, a imagem e os media imperam, são um bom exemplo de Culturas Visuais. Mirzoeff, professor de Media, Cultura e Comunicação na Universidade de Nova York, em 1999 afirmou que “(...) a vida moderna desenrola-se no ecrã (...) a experiência humana é actualmente mais visual e visualizada do que alguma vez antes” (MIRZOEFF, 1999, p.1). Apesar desta afirmação ter sido feita há dezoito anos atrás, cada vez ganha mais sentido e torna-se definidora da cultura dos nossos dias, podendo-se até afirmar que vivemos na era da visão e da imagem. Sendo atualmente a Antropologia em Culturas Visuais bem aceite e muito comum enquanto disciplina de estudo nas universidades, e depois de várias discussões e análises à cerca do tema, podemos declarar que a forma que olhamos e representamos o que vemos, é moldada consoante o tempo, o local e as circunstâncias em que o observador se encontra.

Anexado a esta área das Culturas Visuais, surgiu também o conceito do património cultural imaterial. Segundo a definição de património cultural imaterial presente no artigo nº 2 do documento *UNESCO - Convenção para a salvaguarda do Património Cultural Imaterial*:

“ 1. Entende-se por “património cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e competências – bem como os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, grupos e, eventualmente, indivíduos

reconhecem como fazendo parte do seu património cultural. Este património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio envolvente, da sua interacção com a natureza e da sua história, e confere-lhes um sentido de identidade e de continuidade, contribuindo assim para promover o respeito da diversidade cultural e a criatividade humana. Para efeitos da presente Convenção, só será tomado em consideração o património cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais relativos aos direitos humanos existentes, bem como com a exigência do respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e de um desenvolvimento sustentável.

2. O “património cultural imaterial” tal como é definido no parágrafo I supra, manifesta-se nomeadamente nos seguintes domínios:

- (a) tradições e expressões orais, incluindo a língua como vector do património cultural imaterial;
- (b) artes do espectáculo;
- (c) práticas sociais, rituais e actos festivos;
- (d) conhecimentos e usos relacionados com a natureza e o universo;
- (e) técnicas artesanais tradicionais.” (UNESCO, 2003, art.2º)

Llorenç Prats (1997, pp. 20-21) alega que o Património é uma construção social, não universal, que é idealizado por alguém, em determinado tempo e local e para servir determinados propósitos. Elsa Peralta e Marta Anico também exploram este tema no seu artigo *Património e Identidades*, onde defendem que os conceitos de património e identidade estão intimamente relacionados e são muitas vezes considerados uma extensão um do outro. As duas autoras explicam o motivo desta interligação:

“Património e identidade são dois conceitos intimamente relacionados. Na verdade, são tão intimamente relacionados que frequentemente são entendidos como uma extensão óbvia um do outro: a identidade como a “essência” de um determinado coletivo humano; o património como a sua manifestação “natural”, que sobrevive ao decurso do tempo e que é preciso resgatar e preservar a todo o custo.” (PERALTA, ANICO, 2006, p. 1)

João Leal também se debruça sobre este tema no seu artigo *O Património Imaterial e a Antropologia Portuguesa: uma perspetiva histórica*, publicado na obra *Museus e Património Imaterial*. Segundo o Professor, antes de existir o conceito de património cultural imaterial, já existiam as áreas que este abrange. Na verdade, foi devido à antropologia e à etnologia que se criou este conceito de forma a que os saberes, as tradições orais, os rituais, as artes do espetáculo, as práticas sociais, entre muitos outros..., também fossem tidos em conta e protegidos. Leal defende ainda que o processo de aparecimento deste conceito foi longo e passou por várias etapas. Tudo começou com os antropólogos da década de 1870, que optaram por pesquisar e documentar a literatura tradicional (contos populares, adivinhas, provérbios, etc...) e as tradições populares (festas, crenças, rituais, etc...). Foi um processo trabalhoso e demorado, mas que se sagrou um sucesso e através destes trabalhos surgiram mais tarde outros estudos e pesquisas sobre o tema.

A segunda etapa dá-se na viragem do século em que a tradição oral deixa de ser o foco das pesquisas. Nesta época os temas mais abordados eram mais ligados ao campo de trabalho da antropologia e tinham haver essencialmente com o teatro popular, as artes do fazer (olaria, artesanato, ourivesaria, etc...) e ao comunitarismo. Quanto à terceira etapa, esta dá-se durante a Primeira República. Aqui assiste-se ao retorno dos estudos da literatura popular, sendo o tema central a arte popular. O artesanato, os têxteis, a olaria e outros fazeres manuais típicos, tornam-se objetos de estudo e são colecionados e expostos.

Mais tarde, durante o período do Estado Novo, algumas das áreas de estudo da etnografia da Primeira República foram também abraçadas pela etnografia do Estado Novo. Nesta época valoriza-se, promove-se e revitaliza-se muito aquilo que se insere no património cultural imaterial e das mais diversas formas: através da realização de exposições, através do folclore, e principalmente com a criação do Museu da Arte Popular. Mas, ao mesmo tempo que o Estado Novo protegia estes campos, os partidos mais de esquerda defendiam uma arte popular alternativa em que se dava uma visão diferente do povo português que não era sempre amável e bem-humorado.

Porém, foi nos finais da década de 1950 que a etnografia atingiu o seu auge com o trabalho de Jorge Dias e a sua equipa do Museu Nacional da Etnologia. Estes realizaram uma exposição onde se mostrava através de monografias os “saberes fazer”, as festividades e as práticas sociais realizadas pelo povo português que era maioritariamente

dedicado à agricultura. Para Leal, este trabalho foi um ponto de viragem à etnografia até então praticada:

“Mas nesses anos aquilo que avulta é sobretudo o trabalho de pesquisa de Jorge Dias e da sua equipa do Museu Nacional de Etnologia. Como se sabe, neste trabalho, o património propriamente material ocupa um lugar de maior relevo, expresso em monografias (...). Mas os objetos e a sua materialidade são aqui uma ilusão de óptica: verdadeiramente o que está em causa são mais uma vez os “saberes fazer” de que fala a UNESCO e sobre os quais repousava a vida rural de um país em que 40% da população vivia da agricultura. Esses “saberes fazer” são minuciosamente descritos por Jorge Dias e pelos seus colaboradores em dezenas de monografias. (...) De fora da agenda de pesquisa, só fica a literatura oral. Mas, de resto, tudo o que é hoje visto como património imaterial esteve sobre a mira do olhar detalhado e abrangente de Jorge Dias e dos seus colaboradores. Se houve uma idade de ouro na antropologia portuguesa clássica foram estes anos em que Jorge Dias, Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamin Pereira fizeram não apenas a radiografia, mas dezenas de TACs em profundidade do país rural que Portugal era então e do seu património material e imaterial.” (LEAL, 2009, p. 292)

Para terminar o enquadramento do aparecimento do património cultural imaterial, João Leal sintetiza toda esta evolução da seguinte forma:

“Resumindo: ao longo de 100 anos o percurso da antropologia portuguesa fez daquilo a que hoje se chama de património imaterial uma das suas principais linhas de desenvolvimento. Este processo é tanto mais importante quanto, para além do que se passava à escala central, se desenvolviam paralelamente as chamadas etnografias locais, que replicavam à escala da localidade ou da região aquilo que os etnógrafos de Lisboa e do Porto tinham desenvolvido à escala nacional.” (LEAL, 2009, p. 292)

A partir de 1970 a antropologia portuguesa passou por alguns momentos instáveis e sofreu várias alterações. Enquanto entre 1870 e 1970 era denominada de antropologia clássica, tornou-se em antropologia moderna em 1974 e pós-moderna na década de 1990.

A principal mudança que ocorreu na antropologia moderna foi a globalização dos estudos das comunidades. Assim os estudos sobre os rituais e “saberes fazer” passaram a ser encarados num todo da comunidade ao invés de estudados singularmente. Na década de 90 ocorreu uma renovação de foco. Se até então se estudavam os povos rurais, a partir daqui passaram-se a estudar os urbanos e as suas músicas e festas, mas nos finais de 1990 alterou-se novamente o foco para o turismo, as migrações e os imigrantes, a sociedade e o consumo, os média, etc...

A par destas alterações, muitas outras foram surgindo com o passar do tempo. Por exemplo: a cultura deixou de ser vista como um objeto singular e passou a ser entendida como um conjunto de práticas que podem sofrer alterações devido a influências do turismo, da mercantilização ou da patrimonialização; os conceitos de local e global misturaram-se e deram origem a novas formas de cultura; a visão marcada pelo passado e pela nostalgia passou a ser mais ativa e a tratar de temas referentes à invenção da tradição; houve uma maior procura pelos sujeitos, pelo poder e pela criatividade; entre muitas outras alterações.

Segundo João Leal, se analisarmos com atenção, a glorificação do conceito de património cultural imaterial pela UNESCO, foi uma das impulsionadoras destas alterações, nos processos de turistificação, mercantilização e patrimonialização, por exemplo.

“A consagração do património cultural imaterial pela UNESCO faz justamente parte desses processos de patrimonialização, mercantilização e turistificação da cultura, que os antropólogos portugueses têm vindo a estudar nas últimas décadas, com este novo e mais complexo olhar.”
(LEAL,2009: p. 293)

Para terminar, estes processos continuam a fazer parte da cultura e etnologia da atualidade, fazendo com que os antropólogos continuem a estudá-los com mais afinco, o que por sua vez poderá gerar ainda mais situações de patrimonização de áreas culturais populares. Isto faz com que o antropólogo não deva apenas abster-se às críticas, mas também desempenhe um papel mais ativo e interativo.

2. Os Museus e as suas metamorfoses

A relação entre a Antropologia e a Museologia é muito antiga. São até vários estudiosos que afirmam que a Antropologia nasceu dentro dos museus e por isso esta relação é natural e lógica. Ainda assim, apesar da Antropologia estar intimamente ligada à Museologia, cada uma das ciências tem as suas áreas de estudo independentes que, com o passar dos anos têm sofrido mutações consideráveis.

Focando-nos um pouco mais sobre a museologia, considera-se que esta ciência já nasceu na Grécia antiga com os chamados “templos das musas”, locais dedicados aos estudos e à poesia. Mas só na época da Renascença é que surgiram na Europa locais dedicados ao culto e ao saber. Estes espaços eram restritos para a alta sociedade e eram denominados por “gabinetes de curiosidades”. Eram locais completamente desorganizados, comparados aos museus atuais. Neles encontrava-se um acumulado de objetos antigos, mas que na maioria não possuíam qualquer ligação entre uns e outros. Apenas nos finais do século XIX apareceu em Londres, no Museu de História Nacional, o primeiro museu que continha peças organizadas logicamente e catalogadas seguindo os princípios de Carlos Lineu. Este foi um marco importante para a museologia pois foram vários os museus europeus que seguiram o exemplo do Museu de História Nacional londrino. Portanto, no século XX assistiu-se a uma grande evolução na organização dos museus que começaram a usar técnicas mais avançadas do que a simples mostra de objetos. O uso do texto para comunicar e explicar o contexto dos objetos ao visitante foi um dos progressos mais importantes, posteriormente os museus passaram a incorporar também meios interativos como por exemplo o som e a imagem em movimento.

Os museus modernos, tal como os conhecemos, nasceram juntamente com os Estados Modernos que começaram a dar importância à educação cívica, científica e artística da população. Até então, como referido anteriormente, só uma certa elite social tinha acesso à cultura. Aquando da estatização dos locais de “cultura de salão” - como eram chamados em França - outros intelectuais, que não pertenciam às elites, começaram também a frequentar os museus. Este processo de tornar os locais de cultura de salão em museus públicos não foi desde logo bem aceite pelas elites e pelos donos dos museus, pois estes afirmavam que os novos visitantes não estavam à altura da experiência porque não sabiam se comportar adequadamente ao espaço em que se encontravam e chegavam

até a danificar os objetos expostos. Devido a esta forte oposição, surgiu então a necessidade de criar regras de conduta para frequentar os museus. Deste modo, ficou então estipulado que os museus tinham o intuito de educar e instruir e não de divertir, tal como Margarida Lima Faria refere no seu artigo *Museus: Educação ou Divertimento*:

“Assim, os museus ao tornarem-se espaços públicos passaram a impor no seu interior regras de conduta, previamente inexistentes (...). Educar sim, mas nunca divertir...” (FARIA, 2000, p. 3)

No entanto, com o passar dos anos e com o evoluir das sociedades, os museus foram perdendo o seu rigor nas regras de conduta e passaram progressivamente a assumir um papel educativo e lúdico. Margarida Lima de Faria explica o motivo desta transformação:

“Se com o tempo foram enfraquecendo os rituais de conduta civilizada, e os museus viram mesmo a sua função predominantemente educativa, ser progressivamente substituída por uma maior participação do visitante assumindo mesmo, em alguns casos, um carácter quase lúdico, é porque, a pouco e pouco, se foram substituindo os grupos sociais que compõem quer o campo da produção quer o campo do consumo dos museus. Os públicos tinham sido alvo de um processo civilizacional, o mesmo que vinha a afectar a sociedade no seu todo...” (FARIA, 2000, p. 3)

Para entendermos como é que os museus passaram a ter um papel lúdico temos o exemplo do uso das tecnologias nos museus. Os objetos deixaram de ser o mais importante e começaram a introduzir-se meios sonoros e visuais que oferecem uma melhor experiência sensorial. Contudo, o avanço tecnológico não trouxe apenas benesses à museologia. Com ele começaram também a surgir os problemas das cópias, reproduções e falsificações de objetos, que até há alguns anos atrás seriam únicos. Segundo Malraux, a fotografia foi uma grande contribuidora dessas reproduções, criando assim “museus imaginários”. Mas, ao contrário do que se pensava, estes museus imaginários não vieram de todo destruir os museus comuns. Pelo contrário, estas reproduções contribuíram para o aumento do interesse do público em visitar os originais bem como aumentou o seu valor monetário.

Na atualidade o conceito de museu contém em si os museus tradicionais - geralmente situados em edifícios históricos e monumentais - e os museus modernos - dedicados à imagem e multimédia - que assumem várias áreas, desde as artísticas, etnográficas e arqueológicas até às industriais, científicas, entre outras. Em oposição do que era esperado, estes dois museus convivem pacificamente e não se aniquilaram um ao outro. O conceito de museu foi-se adaptando às novas sociedades e a novas necessidades. Se antigamente apenas se cingia à mostra de objetos ou à narrativa de uma história, presentemente abraça também trabalhos de conservação, restauração e documentação. Para além disso, os museus contemporâneos vêm-se obrigados a inovarem face à grande concorrência de outros estabelecimentos que captam a atenção do público. Posto isto, os museus para além das exposições permanentes que já possuem, organizam também exposições temporárias, mostras e vários eventos e ações culturais que combatem o desinteresse e a dispersão dos possíveis visitantes.

Mas será que toda esta metamorfose que o museu foi obrigado a sofrer, não fez com que perdesse a sua identidade?

Carlos Fortuna no seu artigo *A sociedade, o Consumo e a Crise dos Museus* defende que sim e começa por afirmar:

“Na sua versão mais recente, os museus, tanto os museus de arte como os histórico-etnográficos e arqueológicos, industriais, da ciência ou da técnica, parecem encontrar-se hoje perante uma crise de identidade, que se relaciona diretamente com a sua gradual transformação de espaços reservados e elitistas em espaços públicos de entretenimento e de lazer (Faria,1995). Nesta metamorfose, que eventualmente reforça a componente educativa tradicional dos museus, está contida a perda do sentido paternalista originário com que as classes altas e médias educadas ofereciam o museu às suas congéneres mais desfavorecidas e iletradas. Mas está também contida, nesta crise de identidade dos museus, a história da desvalorização cultural do objecto e da correspondente valorização do discurso e da narrativa” (FORTUNA, 2000, p. 5)

Por seu turno, Joaquim Pais De Brito também defende, no seu artigo *O Museu, Muitas Coisas*, que os museus perderam identidade, mas apresenta uma teoria mais

detalhada. Segundo este autor, foi aquando do aparecimento do conceito de património e das suas diversas ramificações que o museu começou a perder o seu propósito inicial. Se inicialmente o património dividia-se em três áreas - a artística, a arquitetónica e a arqueológica-, com o passar do tempo teve a necessidade de acrescentar duas novas áreas: a etnológica e a etnográfica. Ainda assim, estes cinco tipos de património não eram suficientes para abraçar tudo aquilo que deveria ser protegido e então criaram-se três novos tipos de património: o natural, o ecológico e o ambiental. Estas novas noções fizeram com que não fossem apenas os objetos únicos e raros a serem inseridos nos museus, mas também passaram a inserir-se todos os objetos usados do quotidiano e até a fauna e a flora que caracteriza determinados locais. O autor declara ainda que o museu continuará a sofrer mutações no futuro como tem sofrido até agora:

“(…) o museu tenderá cada vez mais a encontrar os sentidos da sua intervenção não dentro dos muros do edifício onde existe, por maiores que sejam as sofisticações do seu espaço e equipamento interior, mas fora deles, no presente concreto das acções que desenvolve e do quotidiano dos públicos que toca. A guarda dos objetos como testemunhos de um passado que se dá a conhecer cada vez melhor e se quer transmitir às gerações vindouras tende a deslocar para um plano mais fraco o próprio presente da ação dos homens que procedem a essa guarda e a essa transmissão.”
(BRITO, 2000, p. 9)

Fortuna detém uma opinião um pouco diferente sobre o processo da perda de identidade dos museus. Este defende que se antigamente os museus existiam para servir as comunidades locais e nacionais e o passado das mesmas, atualmente existem para servir o indivíduo e transmitir-lhe experiências e conhecimentos no presente e sobre o presente. Isto faz com que o cidadão deixe de ser entendido como tal e passe a ser tratado como um consumidor.

Outro dos problemas identitários dos museus prende-se com o facto de, tal como nos monumentos históricos e nas ruínas milenares, haver um conflito entre aquilo que é individual e possui uma mensagem própria e aquilo que é global. Torna-se cada vez mais difícil fugir da globalização e manter um carácter mais conservador e que responda aos desejos das minorias sociais. Os museus têm assim de responder a diversos tipos de públicos culturais, sociais, e até políticos. Deste modo, os museus foram obrigados a recorrerem a uma estratégia em que a informação que transmitem se consiga adaptar à

interpretação de cada indivíduo. Ora, isto traz outro dilema aos promotores dos museus: como ordenar a informação/coleção?

Para responder a esta questão, toda a composição de um museu (imagens, textos, fotografias, sons, ciência, etc...) teve de se tornar maleável para cada interpretação, fazendo com que seja possível ocorrer a apresentação de informações sem bases que as sustentem.

Centrando-nos mais concretamente no objeto exposto no museu, este para além de ser um artefacto, é também um portador de uma narrativa sobre determinada pessoa/comunidade. Assim, um objeto exposto num museu é um contador de histórias, quer sejam de culturas passadas ou presentes. Podemos até dizer que os museus e os seus objetos são capazes de levar o consumidor a viajar mentalmente para dentro da narrativa contada pelos mesmos e por essa razão, pelo poder de sair da sua realidade, é que cada vez mais o indivíduo procura os museus e usufruir destas experiências. Se antigamente o visitante limitava-se apenas a observar os objetos expostos, atualmente anseiam por poder tocar, sentir e até se apropriarem dos mesmos, tal como Carlos Fortuna refere:

“Nos nossos museus de hoje os visitantes não se limitam a observar, mas desejam apropriar e manipular, a seu belo prazer, os sinais, as narrativas, e a estilização do ambiente que o museu encerra. Este é o mundo prosaico do consumo que perpassa todos os atos sociais modernos.” (FORTUNA, 2000, p. 6)

3. O Estágio

Até aqui foi feito um enquadramento teórico acerca da Antropologia e da sua história, bem como sobre as noções de Cultura Visual, Património e Museologia que estiveram sempre presentes ao longo o estágio e por isso faz todo o sentido refletir sobre as mesmas.

De seguida passarei a descrever a organização hierárquica em que o CCJP se encontra; a constituição detalhada do Centro Cultural; o estágio e em que é que consistiu o meu projeto da exposição sobre a vida e obra de John Dos Passos e por fim o dia da abertura da exposição que se sagrou um sucesso.

3.1 Enquadramento do Centro Cultural John Dos Passos

O Governo Regional da Madeira, atualmente presidido por Miguel Albuquerque e a sua equipa, está dividido em várias secretarias: a Presidência do Governo; a Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura; a Secretaria Regional dos Assuntos Parlamentares e Europeus; a Secretaria Regional da Saúde; a Secretaria Regional das Finanças e da Administração Pública; a Secretaria Regional de Educação; a Secretaria Regional da Inclusão e Assuntos Sociais; a Secretaria Regional do Ambiente e Recursos Naturais; e a Secretaria Regional de Agricultura e Pescas;

A Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura, presentemente presidida pelo economista Eduardo Jesus, situa-se na Avenida Arriaga. É a responsável por gerir os setores da economia (serviços, comércio, indústria, empreendedorismo, inspeção das atividades económicas, transportes e acessibilidades, inovação, apoio às empresas e energia), do turismo e da cultura. Esta secretaria por sua vez divide-se em diversas direções regionais: a Direção Regional do Turismo; a Direção Regional da Cultura; a Direção Regional da Economia e Transportes; a Autoridade Regional das Atividades Económicas; e a Direção Regional da Inovação, Valorização e Empreendedorismo.

Foi sob a alçada da Direção Regional da Cultura, situada na Rua dos Ferreiros – Funchal, que pude realizar o estágio curricular no Centro Cultural John Dos Passos. A DRC é a direção responsável por gerir alguns dos espaços culturais que a ilha oferece, tais como: Associações Culturais, Auditórios, Casas da Cultura, Teatros, Galerias e Centros Culturais.

Apesar do Centro Cultural John Dos Passos estar localizado no concelho da Ponta do Sol, a pouco mais de 25 quilómetros da cidade do Funchal, este espaço não possui nenhum dirigente na Ponta do Sol, recebendo ordens diretas da sede da DRC no Funchal. A meu entender este tipo de organização acaba por não apresentar o melhor resultado, pois não havendo alguém destacado para supervisionar e orientar o trabalho no espaço, acaba por haver pequenas lacunas (tanto a nível da organização das tarefas como na conservação das instalações) que não haveriam se no CCJP existisse um diretor.

3.2 O Centro Cultural John Dos Passos

Foi por intermédio da Dr^a Maria do Carmo que, em 1996, surgiu o projeto da criação do Centro Cultural em homenagem ao escritor luso-descendente John Dos Passos, de quem a Dr^a Maria do Carmo Santos era grande admiradora. Mas só oito anos depois, a 20 de setembro de 2004, Maria do Carmo viu o seu “*american dream*” (como lhe chamava) ser realizado com a inauguração do Centro Cultural John Dos Passos.

Atualmente este é o principal equipamento cultural do Concelho da Ponta do Sol. É constituído por um edifício novo onde se situam o auditório e as salas de atividades bem como por uma casa antiga que pertenceu à família do escritor, e nesta situam-se os espaços museológicos (quarto e cozinha), uma sala de exposição permanente (com fotografias relativas a John Dos Passos), uma biblioteca, uma sala de reservados e vários espaços de trabalho.

Os dois espaços museológicos são dedicados a mostras etnográficas que reconstituem o modelo de um quarto e cozinha do século XIX. O quarto é composto por mobílias do século XIX que ilustram o quotidiano e os objetos utilizados pelas famílias fidalgas naquela época. No quarto é possível também encontrar objetos que a Dr^a Maria do Carmo ia recolhendo nas suas viagens pelo mundo. Sendo o CCJP o projeto da sua vida, enquanto a Dr^a reunia todas as faculdades físicas, dirigiu o Centro Cultural e tomou-o como a sua segunda casa, notando-se o seu toque pessoal em toda a decoração do espaço.



Figura 1 - Casa Antiga



Figura 2 - Máquina de Costura e Mesa de Cabeceira Antigas

Figura 3 - Objetos para Higiene Pessoal do séc. XIX

Figura 4 - Cômoda do séc. XIX



Figura 5 - Cama do séc. XIX coberta por colcha em Tricot

Figura 6 - Armário de arrumação típico das casas nobres

A cozinha segue a mesma lógica, mostrando vários utensílios utilizados pelas famílias mais humildes e pelos criados das famílias nobres. Uma das particularidades da cozinha é manter-se no formato original da sua construção e conter ainda um forno a lenha, onde geralmente era feito o pão caseiro semanalmente. Para além disso, este espaço é decorado com fotografias que ilustram alguns dos afazeres quotidianos praticados na Ponta do Sol de antigamente, tais como: o amassar o pão, o cultivo e a apanha do trigo, a tapeçaria tradicional, entre outros.



Figura 7 - Cozinha Antiga



Figura 8 - Cesta do Pão e Gravuras sobre o amassar do pão



Figura 9 - Louceiro



Figura 10 - Forno a lenha e tábua onde se ponha o pão a levedar

Quanto ao espaço da biblioteca, organizado pela Dr^a Patrícia Sousa, grande parte dos livros que se encontram nela pertenciam à coleção pessoal que a Dr^a Maria do Carmo Santos foi juntando ao longo dos anos. Esta confessou à revista *Olhar*, em janeiro de 2004, que, de cada vez que viajava, a primeira coisa que procurava no país era o nome John Dos Passos. Assim sendo, no espólio da biblioteca, podemos encontrar diversas obras autografadas pelo próprio autor, algumas primeiras edições e livros traduzidos em várias línguas. Para além das obras do escritor luso-americano, podemos também encontrar uma grande variedade de livros, das mais diversas áreas - desde a infantil à científica e aos livros de cariz regional – o que torna este espólio bibliográfico muito rico. A grande maioria deste espólio foi coletado através de doações, quer públicas, quer privadas. Nas paredes da biblioteca estão expostas várias gravuras relacionadas aos Estados Unidos da América ou com notícias sobre o John Dos Passos. A 17 de Março de 2016, foi autorizado pelo Conselho de Governo, que o nome deste espaço passasse a ser

Biblioteca Dr^a Carmo da Cunha Santos, em homenagem à benemérita que faleceu em janeiro do mesmo ano.



Figura 11- Gravuras Diversas



Figura 12- Sala Principal da Biblioteca



Figura 13 - Espólio Bibliográfico



Figura 14 - Local Reservado da Biblioteca

Ao lado do espaço da biblioteca encontra-se a Sala de Exposições Permanentes. Nesta sala onde fiquei instalada, encontram-se várias fotografias de John Dos Passos ao longo da sua vida. Nela estão representadas algumas das viagens que o escritor realizou pelo mundo, com especial destaque à viagem que realizou à ilha da Madeira em 1960. Foi nesta sala que passei grande parte do tempo nas minhas pesquisas, enquanto monitorizava os visitantes e apresentava o artista, se assim o desejassem.



Figura 15 - Arvore genealógica da família dos Passos e ao escritor



Figura 16 - Família Dos Passos



Figura 17 - Visita de John Dos Passos à Ponta do Sol em 1960

Para além deste espaço bibliotecário, no terceiro andar da chamada Casa Mãe, situa-se a Sala dos Reservados. É neste espaço, de acesso restrito, que se podem encontrar as obras autografadas, as primeiras edições e as obras mais raras do John Dos Passos (que o CCJP possui). Para além das obras do escritor americano, nesta sala encontram-se também outras obras e estudos dedicados a John Dos Passos. É também nesta sala que estão guardadas as notícias de jornais ou revistas – originais ou cópias – sobre o homónimo.



Figura 18 - Estudos sobre John Dos Passo

Figura 19 - Revista Times a destacar o escritor e a sua trilogia U.S.A.



Figura 20 - Obras de John Dos Passos

O CCJP é também composto por um edifício recente - anexado à casa antiga - e é neste espaço que se dão a maior parte dos eventos. Constituído por um auditório com capacidade para 180 pessoas, este é palco de muitos eventos culturais como peças de teatro, palestras, colóquios, apresentações, entre outros, geralmente organizados por entidades. O auditório possui um amplo hall de entrada que é utilizado para exposições temporárias. Este anexo é ainda formado por salas de atividades, um espaço para a Casa do Povo, uma sala para o Grupo Coral, uma para a Banda Municipal, outra para o Grupo de Folclore e acolhe ainda o Grupo de Teatro da Ponta do Sol.

3.3 O Estágio e a elaboração da exposição

Desde a minha primeira participação no programa *Jovens em Formação* (projeto de trabalho de verão para estudantes), em 2014, que fiquei com vontade de poder trabalhar no Centro Cultural John Dos Passos. Neste programa desenvolvi essencialmente trabalho de biblioteca - a auxiliar a Dr^a Patrícia Sousa na catalogação e organização de livros – e dei assistência na receção quando era necessário. O trabalho da biblioteca fascinou-me, mas fiquei sempre com vontade de poder contribuir para a organização de um evento. Conheci um pouco mais da história de John Dos Passos, mas foi aqui que percebi da lacuna de informação sobre o escritor que o CCJP tinha. Foi também nesta pequena experiência profissional que tive o prazer de conhecer a Dr^a Maria do Carmo Santos. Uma pessoa muito simpática, sábia e humilde, um pouco abatida das lutas da vida, mas que ainda assim conseguiu cumprir aquele que viria a ser o seu último evento público: a publicação de um livro de poesias sobre a Ponta do Sol, da sua autoria, *Sentir a Ponta do Sol*.

Em 2015 voltei ao John dos Passos (como é popularmente chamado o Centro Cultural) através do mesmo programa. Desempenhei as mesmas funções e foi aqui que percebi que a lacuna de informação sobre o luso-americano seria facilmente ultrapassada através de uma exposição biográfica.

Assim em 2016, quando tive de escolher entre a escrita da tese, um projeto ou um estágio com relatório, não tive qualquer dúvida daquilo que queria fazer: queria ser eu a realizar a exposição acerca de John Dos Passos. Tinha consciência que não seria fácil fazê-lo porque nem tinha experiência, nem possibilidades monetárias para arcar com as despesas. Mas por outro lado a ideia enquadrava-se perfeitamente nas Culturas Visuais, e o CCJP também. Tinha os espaços dos espetáculos, os espaços museológicos, a Sala de Exposições Permanente com diversas fotografias, a biblioteca, poderia desenvolver as minhas capacidades linguísticas através das visitas guiadas aos turistas, dar apoio nos eventos e era exatamente o local que eu gostaria de trabalhar.

Apresentei a ideia à então minha orientadora, que deu o seu aval. O próximo passo seria entrar em contacto com as entidades responsáveis pelo espaço. Sendo a DRC a entidade diretamente ligada ao CCJP, entrei logo em contacto com a Sr^a Diretora Natércia

Xavier que concordou com o meu projeto e autorizou o meu estágio, facultando todo o apoio técnico e financeiro necessário para a realização da exposição.

Dia 1 de setembro de 2016 foi o primeiro dia de estágio sob a orientação da Dr^a Marisa Santos. Já conhecia o espaço e a equipa de trabalho, por isso sabia que a Dr^a Patrícia Sousa, encarregue pela biblioteca, seria a minha grande ajuda ao longo do processo de elaboração da exposição. Assim como já sabia que seria muito bem acolhida pela Dona São Castro da receção e pela sua filha Ana Cristina Castro que esta encarregue de fazer as visitas guiadas.

Neste primeiro mês fiz essencialmente um levantamento dos livros e materiais que o CCJP tinha com as informações sobre o John Dos Passos. Não me deparei com o problema da falta de informação, mas sim com o excesso de obras e estudos sobre este escritor. Então, com a ajuda da Dr^a Patrícia Sousa, passei a uma seleção daqueles que me pareciam ser mais relevantes para a minha pesquisa.

Tendo já o material necessário reunido, no mês de outubro dediquei-me essencialmente à leitura e recolha de informação. Foi um processo trabalhoso e cansativo, mas com a ajuda e orientação da Dr^a Patrícia Sousa, consegui elaborar um plano para a exposição e restringir a recolha de informação a esse plano. Apesar da minha orientadora Dr^a Marisa Santos não estar presente a acompanhar o meu trabalho, mantinha sempre o contacto para saber como estava tudo a decorrer e se tinha alguma dúvida ou se precisava de ajuda.

Em novembro organizei toda a informação que tinha até então recolhido e no final do mês tinha já um primeiro esboço da informação que deveria constar na exposição, bem como uma seleção de fotografias que acompanhariam o texto. Sob a correção e orientação da Dr^a Marisa Santos ficou estipulado que deveria cortar texto e proceder a algumas correções, de forma a que no final do mês de dezembro esta informação pudesse ser transmitida ao designer gráfico que ficaria encarregue da formatação da exposição.

Assim o fiz. Durante o mês de dezembro procedi a várias correções, sempre com a verificação e consentimento da Dr^a Marisa Santos e com a ajuda da Dr^a Patrícia Sousa. O objetivo seria ter tudo pronto até ao último dia do estágio - 17 de fevereiro – que seria também o dia da inauguração.

Devido a outros trabalhos que se sobrepuseram, o Drº Manuel Freitas – designer gráfico da DRC encarregue de me ajudar na formatação da exposição -não conseguiu se reunir comigo logo no início do mês como seria suposto. Assim sendo, neste tempo que tive sem ocupação da exposição, dediquei-me mais às visitas guiadas ou a receção a atender o telefone e os visitantes que chegavam. Já o tinha feito nos meses anteriores, mas como a prioridade era a exposição, só o fazia quando necessário.

Nos últimos dias de janeiro a Drª Marisa Santos e o Drº Manuel Freitas dirigiram-se ao CCJP para discutirmos os detalhes da exposição, tirar as medidas da sala de exposições temporárias – local destacado pela Srª Diretora Natércia Xavier para a apresentação da exposição – e marcar reuniões para que eu pudesse acompanhar a evolução gráfica da exposição. Um dos primeiros obstáculos que encontramos foi o tamanho da sala ser pequeno para a quantidade de informação que a exposição teria. Ficou estipulado desde a minha apresentação do projeto que a exposição seria em português, pois o público alvo seria essencialmente a população residente, mas sendo o turista o principal visitante diário do CCJP, pretendíamos que a exposição fosse bilingue. Ora o tamanho da sala era demasiado pequeno para as duas línguas.

Entretanto os prazos estavam a apertar-se e haviam muitos pequenos detalhes a melhorar e corrigir. O facto de estar a trabalhar a cerca de 25 quilómetros de distância da DRC constituiu outro obstáculo às reuniões com o Drº Manuel Freitas, pois as viagens até ao Funchal eram sempre dispendiosas. Ainda assim o Drº Manuel Freitas fez questão de me manter sempre informada e a par da evolução do corpo da exposição, através do e-mail e do telefone.

Já no início de fevereiro recebemos a informação de que a abertura da exposição teria de ser adiada, pois devido aos festejos do Carnaval o secretário da SRETC, Eduardo Jesus, não poderia estar presente no dia 17. Estipulou-se nova data para dia 1 de março. Ora aqui tivemos tempo de pensar numa alternativa de apresentação da exposição em inglês: os panfletos. Ainda assim, era demasiada informação para introduzir no panfleto e tive de resumir drasticamente cada um dos capítulos da exposição. O próximo passo era a montagem.

3.3.1 A abertura

A montagem da exposição foi realizada pelo Drº Manuel Freitas, pela Drª Marisa Santos e por mim no dia 28 de fevereiro. O resultado final da exposição superou ao máximo as minhas expectativas. O Drº Manuel Freitas como o bom profissional que é, fez um excelente trabalho e conseguiu perceber aquilo que eu imaginava. Nas reuniões tinha referido que não gostava dos tradicionais tons de fundo em bege ou castanhos e que gostava que a exposição tivesse um formato mais simplista e contemporâneo, sem molduras nas fotografias, nem letras rebuscadas. Não esperava ter um resultado tão bom. Tudo estava em completa harmonia, os tons sépia das fotografias antigas tinham-se estendido à cor de fundo e o texto, apesar de ter alguma informação, não era cansativo à vista.

A informação foi disposta em 8 painéis mais o painel de capa. Cada painel era composto por texto acompanhado de várias imagens ilustrativas narrava vários temas referentes à vida e obra do escritor. Para a imagem de capa, escolhi uma fotografia pouco utilizada (noutros eventos e artigos relativos ao luso-descendente), mas muito característica e carismática de John Dos Passos a fumar o seu charuto. O painel número um dedica-se à explicação das origens de John Dos Passos à Ponta do Sol. Sempre acompanhado de imagens ilustrativas, pode-se ler um breve texto que explica que foi o seu avô que nasceu no concelho, mas ainda jovem emigrou para os E.U.A. onde constituiu família. No painel número dois podemos encontrar uma breve cronologia dos aspetos mais importantes e marcantes da vida do escritor, como o lançamento do seu primeiro livro, as medalhas que ganhou na área da literatura ou ainda as viagens que fez à Madeira. O painel número três é dedicado especialmente às suas passagens por Portugal, com especial relevância à ilha da Madeira, sendo a viagem de 1960 a mais detalhada. *O Escritor* é o título que se pode ler no quarto painel que detalha a sua carreira literária e as suas conquistas ao longo dos anos. O quinto painel ilustrado com uma fotografia de John Dos Passos a ser detido em Itália é dedicado à sua veia política. Apesar de nunca ser ter afiliado a nenhum partido, fazia sempre questão de nas suas obras mostrar qual a sua posição perante as políticas seguidas pelo seu país. No sexto painel podemos observar algumas das suas obras enquanto pintor. Ainda que deixasse a pintura para segundo plano, John Dos Passos sempre gostou de pintar e retratar as paisagens que via nas suas viagens pelo mundo fora. O penúltimo painel refere a sua morte. Nele podemos encontrar a última foto que o escritor tirou em sua casa acompanhado pelo seu cão. Aparece de costas em

jeito de despedida e curiosamente quatro meses depois da fotografia ser tirada, John Dos Passos perece. Quanto ao último painel decidi fazê-lo em homenagem da Dr^a Maria do Carmo, pois sendo ela a grande impulsionadora deste projeto não poderia deixar de a referir. Aqui explico que a ideia da criação do CCJP partiu da Dr^a Maria do Carmo, bem como a organização do edifício (consultar anexo I).

Finalmente chegou o esperado dia 1 de março. A SRETC, a DRC e o CCJP tinham feito muita divulgação da exposição, tornando-a um grande evento para o CCJP. A Dr^a Patrícia Sousa havia enviado convites a todas as entidades do concelho para comparecerem à inauguração, bem como às escolas, Centros de Dia e Associações locais. Da parte da DRC foram convidados os vários secretários das diversas secretarias, jornalistas e outras pessoas ligadas à área da cultura e do turismo. A comparência de convidados foi muito superior ao que esperava e não estava de todo preparada para ser abordada por jornalistas.

Antes da abertura da exposição comecei por fazer uma entrevista onde resumi o meu trabalho e o percurso de vida de John Dos Passos.

Abertas as portas, a pequena sala ficou logo cheia de pessoas. Não sendo suficientemente ampla para albergar todos os visitantes, alguns tiveram de ficar na rua. Ao meu olhar, estavam imensas pessoas: o Secretário da Economia, Turismo e Cultura, Eduardo Jesus e o Secretário da Saúde, Pedro Ramos; a Diretora da DRC Natércia Xavier; a minha orientadora Marisa Santos; vários membros da equipa presidencial da Câmara Municipal da Ponta do Sol e demais divisões; vários idosos residentes locais que quando convidados para comparecerem à inauguração demonstraram logo interesse; bem como familiares, amigos e antigos professores.

Comecei a minha apresentação contextualizando que o meu projeto tinha sido desenvolvido ao longo dos seis meses de estágio, com a supervisão da Dr^a Marisa Santos e a ajuda do Dr^o Manuel Freitas e da Dr^a Patrícia. Agradei também a comparência dos dois secretários e da diretora da DRC, bem como dos demais presentes.

Continuei explicando que *John Dos Passos: O Homem, o Escritor, o Artista e a Ilha da Madeira* foi o título escolhido para a exposição e que, ao contrário do que as pessoas geralmente pensam, John Dos Passos não nasceu na Madeira, nem viveu na Ponta do Sol. A sua ligação à ilha era por parte do seu avô que nasceu no concelho, mas muito jovem foi para os Estados Unidos e formou família.

John Roderigo Dos Passos nasceu em janeiro de 1896 fruto de uma relação ilegítima entre o seu pai, John Randolph Dos Passos, e Lucy Sprigg. Só depois da morte da primeira mulher, John Randolph reconhece John Roderigo como seu filho legítimo e casa com Lucy. Mas, apesar de não ser reconhecido inicialmente, John Roderigo sempre manteve uma relação chegada com seu pai.

A sua vida sempre foi a viajar desde pequenino quando veio para a Europa junto com sua mãe e instalou-se alguns anos na Inglaterra onde ingressou nos estudos. Frequentou a universidade de Harvard, mas depois da morte de sua mãe, em 1915, decidiu estudar em Espanha. Em 1917 John Randolph acaba por falecer também e é nesse mesmo ano que John Dos Passos decide alistar-se como voluntário na unidade de ambulâncias de Norton-Harjes.

Este foi o ponto de partida para a vida atribulada que o luso-americano teve. Constantemente a viajar de país para país, continente em continente, em 1919 John Dos Passos decide escrever o seu primeiro livro *Three Soldiers*, que é publicado em 1921 em Nova York. Aqui é lançada a sua carreira como escritor.

A par da escrita, John Dos Passos também pintava e em 1923 realizou a sua primeira exposição no Whitney Studio Club. Em 1925 torna-se membro do conselho executivo do jornal de esquerda radical “New Masses” e em 1929 casa com Katherine Smith, que morre mais tarde num acidente de carro. Anos mais tarde torna a casar-se com Elizabeth Hamlin, com quem tem uma filha.

Sempre a viajar pelo mundo e a dedicar-se à escrita onde quer que estivesse, em 1947 é eleito para a Academia Americana de Artes e Letras e dez anos mais tarde, em 1957, recebe a medalha de ouro na categoria de Ficção, pelo Instituto Nacional de Artes e Letras.

Já tinha visitado a Madeira em 1905 e passeio pelo Funchal numa escala no porto da cidade em 1921. Regressou à ilha em 1960 acompanhado pela sua esposa Elizabeth e a filha Lucy e nos anos finais da sua vida viajou por Portugal e Itália e voltou para os Estados Unidos da América. A sua última obra publicada foi *The Portugal Story*, em 1969.

A 28 de Setembro de 1970 perece em Baltimore.



Figura 21 - Abertura da Exposição



Figura 22 - Abertura da Exposição

Capítulo a capítulo, aprofundei e apresentei os temas mais importantes e significantes da vida do escritor, numa exibição que durou pouco mais dos quarenta minutos.

Finda a apresentação da exposição, foi tempo de responder às questões do público. Todos se mostraram impressionados e satisfeitos por conhecerem mais profundamente o trajeto de vida e da obra de escritor e por finalmente lhes ser dada uma explicação do porquê de o Centro Cultural ser em sua homenagem. Para terminar a apresentação da exposição, o senhor secretário Eduardo Jesus fez um discurso onde agradeceu todo o trabalho desenvolvido ao longo do estágio e ressaltou que realmente aquele elemento biográfico sobre John Dos Passos completava o Centro Cultural. Durante o discurso disse:

“Esta exposição resulta de um grande empenho pessoal, de alguém que soube responder de forma exemplar à oportunidade que lhe foi dada. A Márcia dá-nos uma verdadeira aula, em que aprendemos a conhecer um pouco mais a vida de alguém muito especial. (...) Este projeto ganha um significado especial por a Márcia ser uma filha desta terra, da Ponta do Sol. (...) Merece ser conhecido” (Diário de Notícias da Madeira 02.03.2017)

Informou ainda que em 2016 o CCJP recebeu cerca de 3 300 visitantes, mais 2 060 do que em 2015. Com a abertura da exposição era esperado que o número de visitantes em 2017 subisse muito mais, o que nestes meses se tem vindo realmente a registar. Por

fim, agradeceu a todos os participantes por comparecerem e convido-os a passarem à zona do bar onde decorreria um beberete, oferecido pela Câmara Municipal da Ponta do Sol.

Nos dias seguintes o feedback foi muito positivo. Recebi várias mensagens via telemóvel e redes sociais a gratular-me pelo trabalho realizado e foram vários os meios sociais que noticiaram a inauguração e divulgaram a exposição, tais como o *Telejornal Madeira*, o *Diário de Notícias da Madeira* e a revista digital *Essential Madeira*. Em contactos realizados com a Dr^a Patrícia, esta informou-me que o número de visitantes aumentou exponencialmente, especialmente dos visitantes regionais que tinham curiosidade em conhecer a exposição *John Dos Passos: O Homem, o Escritor, o Artista e a Ilha da Madeira*.

Conclusão

O estágio curricular no Centro Cultural John Dos Passos foi para mim o concretizar de um sonho de adolescente.

Todos os seis meses de duração constituíram uma verdadeira jornada de aprendizagem. Aprendi a planear uma exposição fora dos contextos do ensino básico e secundário e que teria grande visualização pública. Aprendi também que sintetizar quantidades imensas de informação, afinal não é assim tão fácil como julgava. No contexto universitário quando precisava de bibliografia sobre um determinado tema, ia à procura e escolhia aqueles livros que me pareciam os mais indicados. Na pesquisa de informação deparei-me com uma situação que nunca havia passado: o excesso e a repetição de informação. Tive primeiramente, com a ajuda da Dr^a Patrícia, de filtrar as obras em que me iria centrar, depois, comparar as informações dos escolhidos afim de detetar se a informação era credível ou não. Apesar de ser cansativo e trabalhoso, foi um processo gratificante, mais ainda quando detetei dois erros em obras distintas e depois de pesquisas aprofundadas em diversos livros e sites da internet, a Dr^a Patrícia e eu verificamos que realmente essas duas informações estavam erradas. Não senti satisfação por ter descoberto os erros, mas sim por já ter a capacidade e a sabedoria suficiente para os detetar.

Aprendi também outras áreas que não eram as dos meus estudos. O trabalho de biblioteca, nomeadamente a catalogação e registo de livros, foi uma tarefa que tive muito gosto em fazer, pois sentia-me muito bem no meio de tantos livros. As visitas guiadas também foram muito enriquecedoras pois desenvolveram as minhas capacidades linguísticas e de comunicação e o atendimento na receção contribuiu igualmente para aumentar a minha polivalência.

O balanço final sobre o estágio curricular é 100% positivo, pois tive o prazer de privar com colegas de trabalho fantásticos, que me receberam de braços abertos e se mostraram sempre dispostos a ajudar no que precisasse, mesmo depois de terminado o estágio. Na vertente profissional foi sem margem para dúvidas muito enriquecedor, pois desenvolvi várias tarefas ambivalentes, e porque o meu projeto pessoal revelou-se um sucesso muito maior do que esperava.

Mas mesmo tendo este sentimento de satisfação perante o trabalho realizado, no final do estágio surgia uma outra questão que não calava na minha mente: porque é que a

população pontassolense recebeu tão bem este escritor e aceitou-o como um elemento da nossa identidade, sem saber quem ele era?

Esta questão veio a ser respondida ao longo das minhas leituras para a escrita do presente relatório. Sendo eu residente do concelho, sei por vivência própria que esta construção foi bem-recebida e abraçada pelo povo, mas sem saberem bem quem John Dos Passos era. Com o tempo incluímos o Centro Cultural e o escritor como definidores da nossa terra e impulsionadores da nossa cultura, uma atitude um tanto ou quanto ingénuas, pois o Centro Cultural é sim um grande impulsionador da cultura, mas John Dos Passos é apenas o seu homónimo. Ainda assim o CCJP é um dos principais elementos da identidade municipal e o luso-descendente também.

Foi no artigo de Llorenç Prats *El Património como Construcción Social* que percebi o porquê desta rápida aceitação do John Dos Passos como um elemento caracterizante da Ponta do Sol. Prats explica que quando o objeto ou símbolo tornado em património tem a capacidade de transformar as crenças e valores em emoções, torna-se um símbolo de maior valor e mais fácil de ser aceite pela sociedade. Ora foi exatamente o que aconteceu com o escritor americano. Quando apresentado à população, foi descrito como um descendente da terra que muito apreço tinha pela Madeira e especialmente pela Ponta do Sol e por isso a população demonstrou, desde início, muita estima pelo estrangeiro e acolheu-o como sendo um filho da terra.

Bibliografia

- Abreu, Regina; Souza Chagas, Mario de; Sepúlveda dos Santos, Myrian (2007). *Museus, Coleções e Patrimônios: Narrativas Polifônicas*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Campos, Ricardo (2012). *A cultura visual e o olhar antropológico*. (vol.10, nº1). Goiânia.
- Da Mata, Roberto (1993). *Relativizando uma introdução a antropologia social*. Brasil: Rocco.
- Espina Barrio, Angel-B (s.d). *Manual de Antropologia Cultural*. Pernambuco: Editora Massangana.
- Instituto dos Museus e da Conservação (2008). *Museologia.pt - Imagem em movimento nos Museus: experiências e práticas*. (vol.2). Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação, Ministério da Cultura e da Conservação.
- Instituto dos Museus e da Conservação (2009). *Museus e Património Imaterial: agentes, fronteiras e identidades*. Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação: Softlimits.
- Instituto dos Museus e da Conservação (2011). *Dossiê Museus Nacionais – O Povo no Museu*. Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação.
- Macdougall, David (2005). *Novos princípios da antropologia visual*. (vol.21, nº2). Rio de Janeiro: Cadernos de Antropologia e Imagem.
- Matos Viegas, Susana de; Pina-Cabral, João de (2014). *Na encruzilhada portuguesa: a antropologia contemporânea e a sua história*. (s.l): CRIA.
- *Museus e Museologia em Portugal* (2000). (s.l). Textos em Português (monografias).
- Neves, José Soares; Santos, Jorge Alves dos; Nunes, Joana Saldanha (2008). *Os museus em Portugal: políticas públicas e dinâmicas do sector em Portugal nos anos mais recentes*. Universidade Nova de Lisboa – Faculdade das Ciências Sociais e Humanas.
- Peralta, Elsa e Anico, Marta (2006). *Patrimónios e Identidades: Ficções Contemporâneas*. Oeiras.
- Prats, Llorenç (1997). *Antropologia y Patrimonio*. Barcelona.
- UNESCO (2003). *Convenção para a salvaguarda do Património Cultural Imaterial*. Paris: UNESCO.

Webgrafia

Sites

- <http://www.dnoticias.pt/imprensa/hemeroteca/diario-de-noticias/512158-organizacao-e-funcionamento-do-xii-governo-regional-da-made-OODN512158> - visualizado a 20-05-2017
- <http://cultura.madeira-edu.pt/agendacultural/EspacedilosCulturais/Outros/tabid/839/language/pt-PT/Default.aspx> - visualizado a 20-05-2017
- <http://www.visitmadeira.pt/pt-pt/explorar/detalhe/centro-cultural-john-dos-passos> - visualizado a 20-05-2017

Anexos

Listagem de Anexos

Anexo I – Painéis da Exposição

Anexo II – Panfleto da Exposição

Anexo III – Notícia do *Diário de Notícias da Madeira*

Anexo IV – Artigo da revista *Essentials Madeira*

Anexo V – Vídeo da Exposição

Anexo I – Painéis da Exposição

John Dos Passos, o homem, o escritor, o artista e a ilha da Madzira



John Dos Passos

o homem,
o escritor,
o artista
e a ilha da Madeira.



Coordenação: Maria Santos
Pós-edição: Marcia Fernandes
Apelo: Helena, Carlos Soares
Design gráfico: Manuel Freitas
Montagem: Eduardo Freitas, Manuel Freitas, Marcia Fernandes e Maria Santos



> Lucinda Ann Cattell (1814-1900).
Coleção Mr. Elizabeth Dos Passos.
Direitor: reservado à Universidade de Virgínia.



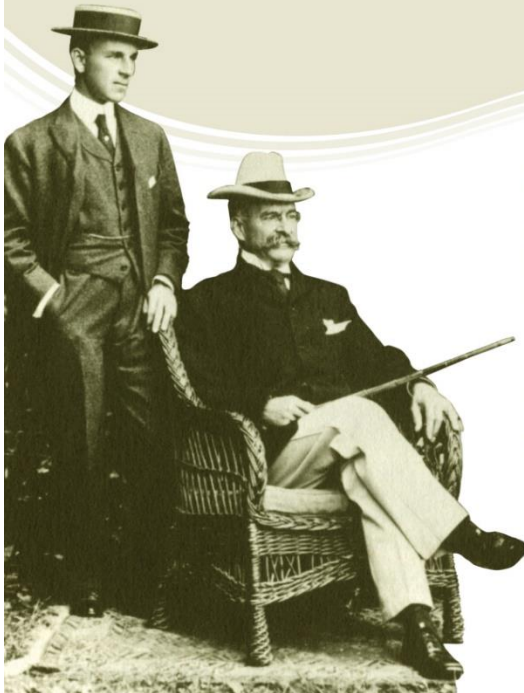
> John Randolph Dos Passos (1844-1917).
Coleção Mr. Elizabeth Dos Passos.
Direitor: reservado à Universidade de Virgínia.



> Fotografia da casa no passado.
Autor: desconhecido.



> Louis Hays Dos Passos e os seus pais, John R. e Mary Hays Dos Passos, por volta de 1867.
In: Dos Passos, A. (dir.). 17. Edição. Virgínia Spencer, Can.

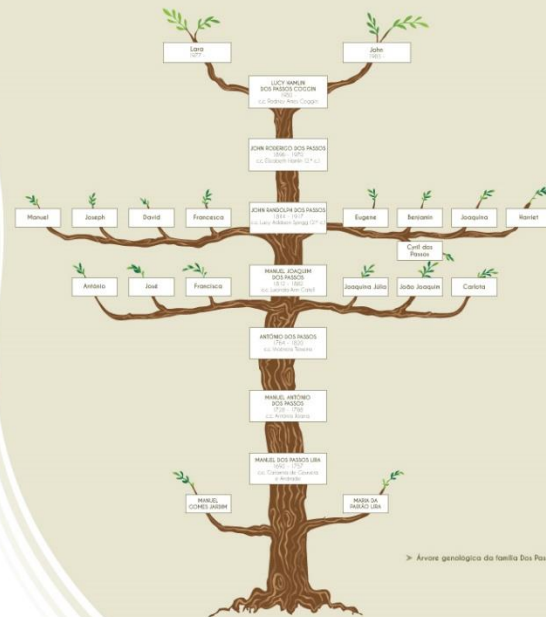


> Louis Hays Dos Passos e o pai John R. Dos Passos, por volta de 1900.
In: Dos Passos, A. (dir.). 17. Edição. Virgínia Spencer, Can.

Origens Madeirenses:

As origens de John Dos Passos remontam à Ponta do Sal, onde nasceu o seu avô Manoel Joaquim Dos Passos em 1812, que em 1830 emigrou para os Estados Unidos da América e casou com Lucinda Cattell.

Deste casamento nasceram 9 filhos, dentre os quais John Randolph Dos Passos em 1844. Este estudou advocacia enquanto trabalhava como assistente num escritório do mesmo ramo. Mais tarde abriu o seu próprio escritório em sociedade com o seu irmão Benjamim que morre poucos anos depois. Casa com Mary Hays e tem o seu primeiro filho, Louis Hays Dos Passos, em meados de 1870.



> Árvore genealógica da família Dos Passos.

John Dos Passos, o homem, o escritor, o artista e a ilha da Madeira



► Os desenvolvimento do Grupo de Mobilidade do Bairro-Novo e o paradeiro de John Dos Passos em 1937. Museu da Madeira, Arquivo do Museu da Madeira. Foto: J. Dos Passos. Arquivo do Museu da Madeira.



► John Dos Passos por volta de 1910. Museu da Madeira, Arquivo do Museu da Madeira. Foto: J. Dos Passos. Arquivo do Museu da Madeira.



► Dos Passos, segundo do expedito Foto feita em Milão em dezembro de 1917. Museu da Madeira, Arquivo do Museu da Madeira. Foto: J. Dos Passos. Arquivo do Museu da Madeira.



► John Dos Passos com a esposa e outro homem em Milão em 1920. Museu da Madeira, Arquivo do Museu da Madeira. Foto: J. Dos Passos. Arquivo do Museu da Madeira.



► Lucy Adeline Dos Passos. Museu da Madeira, Arquivo do Museu da Madeira. Foto: J. Dos Passos. Arquivo do Museu da Madeira.



► John Dos Passos com a filha de 1900. Museu da Madeira, Arquivo do Museu da Madeira. Foto: J. Dos Passos. Arquivo do Museu da Madeira.



► John Dos Passos e sua filha. Museu da Madeira, Arquivo do Museu da Madeira. Foto: J. Dos Passos. Arquivo do Museu da Madeira.



► John Dos Passos, representante de guerra para o Chile. Museu da Madeira, Arquivo do Museu da Madeira. Foto: J. Dos Passos. Arquivo do Museu da Madeira.



► John Dos Passos e outros amigos em Provençaux, 1920. Museu da Madeira, Arquivo do Museu da Madeira. Foto: J. Dos Passos. Arquivo do Museu da Madeira.



► Dos Passos com os seus pais nos Canhões de Nogueira por volta de 1900. Museu da Madeira, Arquivo do Museu da Madeira. Foto: J. Dos Passos. Arquivo do Museu da Madeira.



► Elizabeth e John Dos Passos, cerca de 1950. Museu da Madeira, Arquivo do Museu da Madeira. Foto: J. Dos Passos. Arquivo do Museu da Madeira.



► A família Dos Passos com E. E. Cummings, em Nova Iorque. Museu da Madeira, Arquivo do Museu da Madeira. Foto: J. Dos Passos. Arquivo do Museu da Madeira.



► Passos de 1960 em S. Bento de expedito para o dia. Museu da Madeira, Arquivo do Museu da Madeira. Foto: J. Dos Passos. Arquivo do Museu da Madeira.



► Dos Passos e Lucy no praia em Laguna, Porto Rico, 1954. Museu da Madeira, Arquivo do Museu da Madeira. Foto: J. Dos Passos. Arquivo do Museu da Madeira.



► Oswald Marín, Ernest Hemingway e Dos Passos durante uma viagem a Madeira em 1920. Museu da Madeira, Arquivo do Museu da Madeira. Foto: J. Dos Passos. Arquivo do Museu da Madeira.

Cronologia da Vida de John Dos Passos:

- A 14 de janeiro de 1896 nasce John Roderigo Dos Passos, fruto de uma relação ilegítima entre John R. Dos Passos e Lucy Sprigg.
- Não sendo legitimado, nos primeiros anos de vida, John Roderigo viajou pela Europa acompanhado pela sua mãe, mas mantinha sempre uma ligação muito próxima com o seu pai.
- Ingressa na escola em Inglaterra, mas aos 8 anos interrompe os estudos devido a uma operação. Para ajudar na sua recuperação, os seus pais decidiram viajar para a Madeira onde ficaram instalados no *Reid's Hotel*.
- Entretanto Mary Hays Dos Passos falece e John Randolph casa com Lucy e reconhece John Roderigo como seu filho legítimo.
- Em 1912 entra para a universidade de Harvard para o Curso de Letras, onde tem a oportunidade de privar com Edward E. Cummings, Gilbert Seldes e Dudley Poore. Enquanto estudou nesta universidade tentou aprender português, mas sem sucesso.
- Em 1915 perde a sua mãe e em 1916 decide estudar arquitetura em Espanha. O estado de saúde de John R. Dos Passos foi-se deteriorando depois da morte da esposa e este acaba também por falecer em 1917.
- Nesse mesmo ano alista-se como voluntário na unidade de ambulâncias de *Norton-Harjes*.
- Em 1919 escreve *Three Soldiers* e em outubro viaja para Lisboa durante oito dias. Em 1921 o livro é publicado em Nova York e é aqui que a sua carreira de escritor é lançada.
- A par da escrita John Dos Passos também pintava e em 1923 realiza a sua primeira exibição de pinturas no *Whitney Studio Club*.
- Torna-se membro do conselho executivo do jornal de esquerda radical *New Masses* em 1925.
- Em 1929 casa com Katherine Smith, que morre mais tarde num acidente de carro, e John Dos Passos perde um olho.
- Anos mais tarde torna a casar-se com Elizabeth Hamlin.
- É eleito membro efectivo da *American Academy of Arts and Letters* em 1947 e dez anos mais tarde recebe a medalha de ouro na categoria de ficção, pelo *National Institute of Arts and Letters*.
- Regressa à Madeira em 1960 acompanhado pela sua esposa Elizabeth e a filha Lucy e nos anos finais da sua vida viajou por Portugal e Itália e voltou para os Estados Unidos da América. Em 1969 publicou a sua última obra *The Portugal Story*.
- A 28 de setembro de 1970 perece em Baltimore.



► John Dos Passos em criança em Inglaterra.
Direito reservado à Universidade de Viena.
© John Dos Passos e Sucessores Century Company.
1ª Edição: Tournefort Luridiano.



Viagens a Portugal e a sua ligação à Madeira:

1905 - Primeira visita juntamente com os pais

Após uma cirurgia ao apêndice, John Randolph decidiu que a Madeira era o melhor sítio para a pequena John recuperar, e a 4 de maio de 1905 desembarcaram no porto do Funchal. No seu último livro, *The Best Times*, John Dos Passos refere esta sua visita:

"(...) a minha família não perdera por completo o contacto com os parentes do meu avô, no Madeira. (...) Tinha oito anos quando ele [pai] me levou ao Funchal. Lembro-me das visitas de um primo idoso que me dava, no jardim velho do Reid's Hotel, uma lição diária de latim".



▶ Jardim do Reid's Hotel no Rio da Madeira em 1905.
Arquivo fotográfico.
Fotografia cedida por João dos Remédios.



▶ Reid's Hotel no Rio da Madeira em 1905.
Arquivo fotográfico.
Fotografia cedida por João dos Remédios.

1919 - Oito dias em Lisboa

Em outubro de 1919 veio para Portugal com o intuito de cobrir um movimento revolucionário que nunca chegou a acontecer. Escreve uma carta a Stewart Mitchell onde diz que os portugueses são boas pessoas, humildes e bondosas, mas não consegue mesmo perceber a língua e reproduzir os sons.

1921 - Breve passagem pela Madeira com E.E. Cummings

Em viagem de New Bedford para Lisboa, em 1921, e depois de visitar os Açores, John dos Passos fez uma breve escala no porto do Funchal, onde aproveitou para passear pelas ruas do Funchal juntamente com o seu amigo E.E. Cummings.



▶ John Dos Passos com o Príncipe Joaquim Sebastião Cabrita.
Arquivo fotográfico.
Fotografia cedida por João dos Remédios.

1960 - Última visita à Madeira

No verão de 1960 John Dos Passos realiza a sua última visita à Madeira, acompanhado pela sua esposa Elisabeth e filha Lucy. Visita vários pontos da ilha, incluindo a Ponta do Sol, onde recebeu uma homenagem por parte da Câmara Municipal. No seu discurso de agradecimento diz:

"Desculpem eu não falar a língua dos meus avós. Como sabem o meu avô deixou a Ponta do Sol há muito mais de cem anos. É deveras enternecedor para mim ser recebido com tão grandeza e gentileza e consideração. [...] Mais tarde o meu pai tornou-se cada vez mais interessado a respeito da Madeira e das suas raízes portuguesas. Quando eu tinha oito anos trouxe-me, por algumas semanas ao Funchal. Assim, quando aqui cheguei há dias reconheci os rochedos cor púrpura, o mar azul, os mergulhadores e as pequenas logartixas que correm através dos jardins do Reid's Hotel. Recordo amável hospitalidade de amigos e parentes da Madeira".



▶ Reunião de John Dos Passos na Câmara Municipal da Ponta do Sol.
Arquivo fotográfico.
Fotografia cedida por João dos Remédios.



▶ John Dos Passos com alguns familiares no terraço do Reid's Hotel.
Arquivo fotográfico.
Fotografia cedida por João dos Remédios.



▶ John Dos Passos e E.E. Cummings passeando no Largo do Funchal.
Arquivo fotográfico.
Fotografia cedida por João dos Remédios.

1967 - Estadia em Portugal

Em julho e agosto de 1967 John Dos Passos e a família passaram uma temporada em Portugal Continental. Nesse período John pesquisou, analisou e confirmou informações para o que viria a ser o seu último livro: *The Portugal Story*.



▶ Reunião da Câmara Municipal da Ponta do Sol com o conselho de regedores.
Arquivo fotográfico.
Fotografia cedida por João dos Remédios.



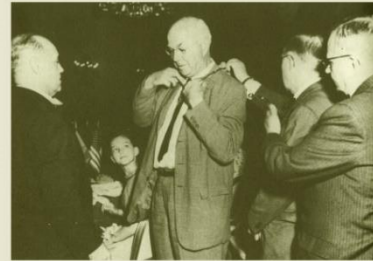
▶ John Dos Passos no Parque Eduardo VII, Lisboa, em 1967.
Arquivo fotográfico.
Fotografia cedida por João dos Remédios.

O Escritor:

John Dos Passos ficou conhecido por ser um escritor modernista. Em 1919 lançou o seu primeiro livro, mas foi com *Manhattan Transfer* que obteve a atenção e o reconhecimento dos críticos, em 1925. Anos mais tarde publica a trilogia *U.S.A.* que também se sagrou um sucesso. Para além dos romances e novelas, Dos Passos publicou também várias obras de poesia, de literatura de viagem e algumas com cariz político e social.

A partir da década de 20 do século XX, John Dos Passos começou a frequentar a casa de Gerald e Sara Murphy que recebiam escritores e partilhavam ideias políticas e sociais contrárias às praticadas nos Estados Unidos da América. Esta amizade permitiu-lhe a convivência com outros escritores da época como Ernest Hemingway, Zelda Fitzgerald, Ezra Pouns, entre outros. Este grupo que se formou na casa dos Murphy vem mais tarde a ser apelidado de *Lost Generation Writers* por Gertrude Stein, nome popularizado por Hemingway na sua obra *The Sun Also Rises*.

Com o passar dos anos, John Dos Passos torna-se cada vez mais popular no mundo da literatura, o que lhe permitiu, em 1947, ser eleito membro efectivo da *American Academy of Arts and Letters* e em 1957 receber a medalha de ouro na categoria de ficção atribuída pelo *National Institute of Arts and Letters*. Foi também nos anos 50, agraciado com a medalha *Peter Francisco* em Nova York pela *Portuguese Continental Union*.



► John Dos Passos sendo agraciado com a Medalha Peter Francisco em Nova York pela Portuguese Continental Union.

Colaborador: Francisco J. Mendonça. In: Dos Passos A Life. 1ª Edição, Virginia Spencer Carr.



► William Faulkner, Malcolm Cowley e Dos Passos quando este recebeu a medalha de ouro na categoria de ficção pela *National Institute of Arts and Letters*, em 1957.

Colaborador: Billie Glantz. In: John Dos Passos: A Twentieth-Century Odyssey. 1ª Edição, Townsend Ludington.



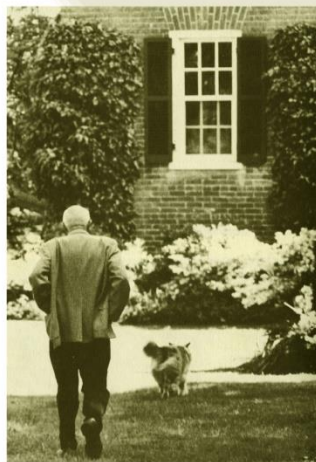
O Político:

John Dos Passos, conhecida como um revolucionário social, desde muito cedo mostrou não concordar com a política de crescimento industrial, económica e militar seguida pelos Estados Unidos da América, que criava uma sociedade dispar entre ricos e pobres.

Era simpatizante do comunismo mas, quando viajou pela Europa e acompanhou de perto a situação russa ficou também desiludido e amedrontado com este regime. O mesmo aconteceu com Espanha e a situação instável em que se encontrava. Rompeu a amizade de vários anos com Hemingway e com Herbert Matthews, por considerar que estes vendiam o seu nome para campanhas políticas que nem acreditavam.

Nos seus livros é possível sempre identificar algum ideal partidário, ou contra partidário, bem como algumas críticas à política, como por exemplo o livro *Three Soldiers* que conta a história de três soldados que são contra a guerra ou na sua trilogia *U.S.A.* onde constam reflexões políticas e sociais, e onde podemos perceber a posição pessimista de Dos Passos em relação à política económica do seu país.

► Dos Passos a ser preso em frente o Massachusetts State House, durante um protesto contra a pena de morte de Sacco-Vanzetti.
Coleção United Photo International
In John Dos Passos. A Twentieth Century Odyssey. 1ª Edição. Townsend Ludington



► Dos Passos e o seu cão Kerry, maio de 1970.
Colecção Richmond Nash Leighton Photo by SA Cornus Jr.
In *Das Passos A Life*. 1ª Edição Virginia Spencer Case

A sua Morte e o Impacto da sua Obra:

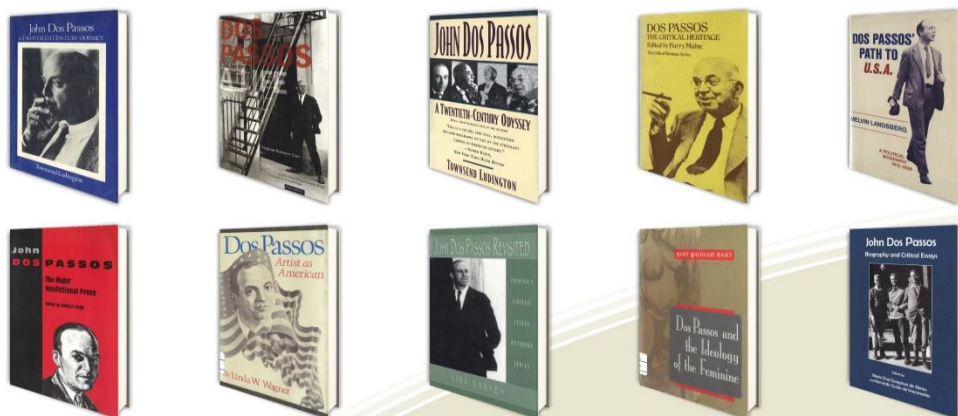
Depois de uma vida atribulada, a viajar pelo mundo, a conquistar simpatizantes, amigos e alguns prémios na área da literatura, John Dos Passos perece a 28 de setembro de 1970, em Baltimore.

Apesar de Gertrude Stein ter afirmado que o escritor luso-americano, juntamente com os restantes membros da *Lost Generation*, cairiam no esquecimento, tal não aconteceu com o luso-americano, uma vez que a sua filha Lucy continuou a publicar Obras da sua autoria.

Na atualidade, John Dos Passos e a sua literatura ganharam especial relevância nos estudos literários americanos e o escritor ficou conhecido como um dos grandes romancistas americanos do século XX.



► Último dia da Conferência *The Speech of The People* onde John Dos Passos Cragg falou sobre a obra.
Colecção John Dos Passos Society
The Speech of The People, April de 2015 Volume 4, Quatro 1. pdf



► Algumas das Obras Literárias sobre John Dos Passos. Estas fotos estão disponíveis para consulta na Biblioteca D.ª Camo da Cunha Santos.

Criação do Centro Cultural John Dos Passos em sua homenagem:

Foi em 1996 que, por intermédio da Dr^o Maria do Carmo Santos, surgiu o projeto da criação do Centro Cultural. Anos depois, a 20 de setembro de 2004, Maria do Carmo viu o seu *american dream* (como lhe chamava) ser realizado com a inauguração do Centro Cultural John Dos Passos.

Atualmente é o principal equipamento cultural do Concelho da Ponta do Sol. É constituído por um edifício novo onde se situam o auditório e as salas de atividades bem como por uma casa principal que pertenceu à família do escritor, e nesta situam-se os espaços museológicos (quarto e cozinha), uma sala de exposição permanente (com fotografias relativas a John Dos Passos), uma biblioteca, uma sala de reservados e vários espaços de trabalho.

Grande parte dos livros que se encontram na biblioteca pertenciam à coleção pessoal que a Dr^o Maria do Carmo Santos foi juntando ao longo dos anos. Esta confessou à revista *Olhar*, em janeiro de 2004, que, de cada vez que viajava, a primeira coisa que procurava no país era o nome John Dos Passos. Assim sendo, no espólio da biblioteca, podemos encontrar obras autografadas pelo próprio autor, algumas primeiras edições e livros traduzidos em várias línguas. Este espaço é palco de muitos eventos culturais como peças de teatro, palestras, colóquios, exposições, apresentações, entre muitos outros.

A 17 de março de 2016, foi autorizado pelo Conselho de Governo, que o nome da Biblioteca passasse a ser *Biblioteca Dr^o Carmo da Cunha Santos*, em homenagem à benemérita que faleceu em janeiro do mesmo ano.



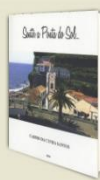
► *My American Dream Recome Teve*, Dr^o Maria do Carmo na inauguração do Centro Cultural John Dos Passos em 2004. (Arquivo Fotográfico do Centro Cultural John Dos Passos)



► Dr^o Maria do Carmo na exposição *Um olhar sobre o Ponta do Sol da sua avó*, em 2010. (Arquivo Fotográfico do Centro Cultural John Dos Passos)



► Visita à Ponta do Sol de Allan Katz, Embaixador dos E.U.A. em Lisboa, acompanhado por sua esposa e Dr^o Maria do Carmo, em maio de 2013. (Arquivo Fotográfico Centro Cultural John Dos Passos)



► *Sobre o Ponta do Sol*, Livro de poesia sobre o Ponta do Sol da autoria do Dr^o Maria do Carmo.



Anexo II – Panfleto da Exposição

O Pintor:

Apesar de ser menos conhecida, John Dos Passos para além de escritor possuía também uma veia de pintor. Influenciado por vários movimentos artísticos, encontramos na sua obra uma mistura de Impressionismo, Cubismo e Expressionismo, criando assim um estilo muito único e próprio. A sua primeira grande exposição realizou-se no National Club em 1922, e mais tarde no Whitney Studio Club.



John Dos Passos
FAKIT

> Ilustração de John Dos Passos,
in John Dos Passos A Twentieth Century Odyssey? Editora Tonnelier Lusitana

A sua Morte e o Impacto da sua Obra:

John Dos Passos "perece" a 28 de setembro de 1970, em Baltimore.

No atualidade, John Dos Passos e a sua literatura ganharam especial relevância nos estudos literários americanos e o escritor ficou conhecido como um dos grandes novelistas americanos do século XX.



> Dos Passos e o seu cão Kenny, maio de 1970
COLEÇÃO: Richard Nass (London, Photo by Bill Corliss, in John Dos Passos A Life: 17 Escritos, Virginia Spencer Carr)

Criação do Centro Cultural John Dos Passos em sua homenagem:

Em 20 de setembro de 2004, Maria do Carmo viu o seu american dream (como lhe chamava) ser realizado com a inauguração do Centro Cultural John Dos Passos.

É constituído por um edifício novo onde se situam o auditório e as salas de atividades bem como por uma casa principal que pertenceu à família do escritor e nesta situam-se os espaços museológicos, uma sala de exposição permanente, uma biblioteca, uma sala de reservadas e vários espaços de trabalho. Atualmente é o principal equipamento cultural do Concelho da Ponta do Sol.

> Drª Maria do Carmo em 2006 numa atividade de Natal no Centro Cultural. Arquivo fotográfico do Centro Cultural John Dos Passos



John Dos Passos

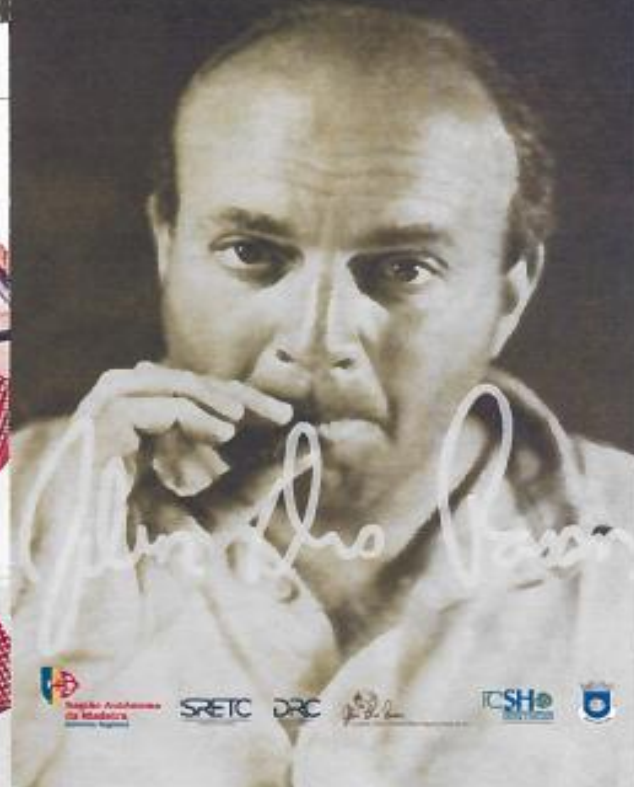
o homem, o escritor,
o artista e a ilha da Madeira

01 março - 30 junho - 2017

Sala de Exposições do Centro Cultural John Dos Passos

Rua da Princesa 2, Lote n.º 3 - Ponta do Sol

Segunda a sexta das 9h00 às 17h30



Instituto Autónomo da Biblioteca

SRETC

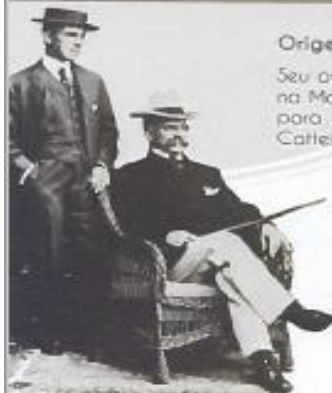
DRC



CCJP

CCSH





Origens Madeirenses:

Seu avô, Manoel Dos Passos nasceu na Madeira e aos 18 anos emigrou para as E.U.A. Casou com Lucinda Cartiel e teve 9 filhos, dentre os quais John Randolph Dos Passos, pai de John Dos Passos.

➤ Louis Hays Dos Passos e o pai John R. Dos Passos, por volta de 1900. In: Dos Passos A Life. 1ª Edição: Virginia Spencer Carr



➤ John Dos Passos com o Presidente Joaquim Sequeira Coimbra. Coleção: Resenetas. Fotografia exposta na Sala de Exposição Aronsonist

O Escritor:

John Dos Passos ficou conhecido por ser um escritor modernista. Em 1919 lançou o seu primeiro livro, mas foi com *Manhattan Transfer* que obteve a atenção e o reconhecimento dos críticos em 1925. Para além dos romances e novelas, Dos Passos publicou também várias obras de poesia, de literatura de viagem e algumas com caráter político e social. Ao longo da sua carreira literária, recebeu vários prémios e distinções.



➤ William Faulkner, Malcolm Cowley e Dos Passos quando este recebeu a medalha de ouro na categoria de ficção pelo *National Institute of Arts and Letters*, em 1957. Coleção: White World. In: John Dos Passos A American Century Odyssey. 1ª Edição: Townsend Ludington

Cronologia da Vida de John Dos Passos:

- A 14 de janeiro de 1896 nasce John Rodrigo Dos Passos, fruto de uma relação ilegítima entre John R. Dos Passos e Lucy Spragg.
- Em 1912 entra para a universidade de Harvard para o Curso de Letras, onde tem a oportunidade de privar com Edvard E. Cummings, Gilbert Seldes e Dudley Poore. Enquanto estudou nesta universidade tentou aprender português, mas sem sucesso.
- Em 1917, Dos Passos alistou-se como voluntário na unidade de ambulâncias de *Norion-Hoxes*.
- Em 1919 escreve *Three Soldiers* e é aqui que a sua carreira de escritor é lançada.
- Em 1925 torna-se membro do conselho executivo do jornal de esquerda radical *New Masses*.
- É eleito membro efectivo da *American Academy of Arts and Letters* em 1947 e dez anos mais tarde recebe a medalha de ouro na categoria de ficção, pelo *National Institute of Arts and Letters*.
- Regressa à Madeira em 1960 acompanhado pela sua esposa Elizabeth e a filha Lucy e nos anos finais da sua vida viajou por Portugal e Itália e voltou para os Estados Unidos da América. Em 1969 publicou a sua última obra *The Portugal Story*.
- A 28 de setembro de 1970 perece em Bolimare.



➤ John Dos Passos em criança na Inglaterra. Destes momentos a Universidade de Lisboa. In: John Dos Passos A American Century Odyssey. 1ª Edição: Townsend Ludington

Viagens a Portugal e a sua ligação à Madeira:

- 1905 - Primeira visita juntamente com os pais. Em 4 de maio de 1905, desembarcaram no porto do Funchal. No seu último livro, *The Best Times*, John Dos Passos refere esta sua visita.
- 1919 - Oito dias em Lisboa. Em outubro de 1919 veio para Portugal trabalhar. Escreve uma carta a Stewart Mitchell onde diz que os portugueses são boas pessoas, humildes e bondosas, mas não consegue mesmo perceber a língua e reproduzir os sons.
- 1921 - Breve passagem pela Madeira com EE Cummings. Em viagem de New Bedford para Lisboa, em 1921, e depois de visitar as Açores, John dos Passos fez uma breve escala no porto do Funchal, onde aproveitou para passear pelas ruas do Funchal juntamente com o seu amigo EE Cummings.
- 1960 - Última visita à Madeira. No verão de 1960 John Dos Passos realiza a sua última visita à Madeira, acompanhada pela sua esposa Elizabeth e filho Lucy. Visita vários pontos da ilha, incluindo a Ponta do Sol, onde recebeu uma homenagem por parte da Câmara Municipal.
- 1967 - Estadia em Portugal. Em julho e agosto de 1967 John Dos Passos e a família passaram uma temporada em Portugal Continental. Nesse período John pesquisou, analisou e confirmou informações para o que viria a ser o seu último livro: *The Portugal Story*.

O Político:

John Dos Passos, conhecido como um revolucionário social, desde muito cedo mostrou não concordar com o político de crescimento industrial, económica e militar seguida pelos Estados Unidos da América, que criou uma sociedade dispar entre ricos e pobres. Nos seus livros é possível sempre identificar algum ideal partidário, ou contra partidário, seja como arguente crítico à política, onde constam reflexões políticas e sociais.



➤ Dos Passos a ser preso em frente à *Housewrights State House*, durante um protesto contra o plano de corte de gastos de John F. Kennedy. Coleção: United Press International. In: John Dos Passos A American Century Odyssey. 1ª Edição: Townsend Ludington

Anexo III – Notícia do *Diário de Notícias da Madeira*

'John dos Passos' é dado a conhecer na Pt.^a Sol

02 MAR 2017 / 12:40 H.



Exposição sobre a vida de John dos Passos foi aberta dada a conhecer.



Foi ontem inaugurada a exposição 'John dos Passos: o Homem, o Escritor, o Artista, o Político e a Ilha da Madeira', patente no Centro Cultural John dos Passos, na Ponta do Sol.

A mostra biográfica sobre John dos Passos, que foca as várias facetas deste homem com raízes familiares na Ponta do Sol, resulta de um estágio curricular no âmbito do mestrado em Antropologia e Culturas Visuais, proposto por Mírcia Fernandes, que quis "explicar a ligação de John dos Passos à Ponta do Sol".

O secretário regional da Economia, Turismo e Cultura esteve presente na inauguração da exposição e fez questão de relevar o trabalho de Mírcia Fernandes. "Esta exposição resulta de um grande empenho pessoal, de alguém que se sabe responder de forma exemplar à oportunidade que lhe foi dada. A Mírcia dá-nos uma verdadeira aula, em que aprendemos a conhecer um pouco mais a vida de alguém muito especial", elogiou.

Eduardo Jesus disse também que "este projecto ganha um significado especial, por a Mírcia ser uma filha desta terra, da Ponta do Sol", e que "merece ser conhecido". "Esta exposição passa a ser mais um grande incentivo para visitar o Centro John dos Passos, que foi criado por uma grande paixão, da dr.ª Maria do Carmo Santos, e que a todos nós compete não só reconhecer como dar continuidade", frisou, F.S.

Santo António dinamiza oitava edição da festa do Dia Mundial da Criança

Madeira Actualizado há 28 minutos

Largo do Phelps requalificado para venda de fruta e flores

Madeira Actualizado há 31 minutos

Governo garante postos de trabalho nos transportes públicos

Madeira Actualizado há 48 minutos

Largo do Phelps requalificado para venda de fruta e flores

Madeira Actualizado há 31 minutos

Marcos Freitas entra a vencer no Mundial na variante de pares

Desporto Actualizado há 35 minutos

Governo garante postos de trabalho nos transportes públicos

Madeira Actualizado há 48 minutos

PUB



'Uma Bica Com' - "Se não há movimento, não há negócio"

PUB

PUB

Anexo IV – Artigo da revista *Essentials Madeira*

Essential Culture

Aware of the origins of his ancestors, John Dos Passos visited Madeira three times. The first, in 1905. The second, as a short stop, on his way to Lisbon. And the last, already as an established writer and with an homage by the Town Hall of Ponta do Sol, in 1960. Today you can find a plaque immortalizing that visit.

The rest is history: His 40 publications make Dos Passos one of the 20th century's most prolific writers. Together with Ernest Hemingway and F. Scott Fitzgerald, amongst many others, he was part of the so called 'Lost Generation', a group of writers who fought in WWI in their teenage years and then experienced the roaring twenties before witnessing the Great Depression.

His most famous novel, *Manhattan Transfer*, has been described by the *New York Times* as a 'powerful and well-structured piece... an American Joyce'.

The cultural centre bearing the name of the great writer was inaugurated in Ponta do Sol in 2004 and installed at Vila Passos. Built in the first half of the 20th century, this property used to belong to the ancestors of Dos Passos. ■



A FAMÍLIA DOS PASSOS COM E. E. CUMMINGS, EM SILVER LAKE, COLEÇÃO: MARION MOREHOUSE CUMMINGS

Sem descuidar as origens dos seus antepassados, John dos Passos passou pela ilha da Madeira três vezes. A primeira em 1905. A segunda, numa breve escala, a caminho de Lisboa. Na última, já como escritor consagrado, teve direito a uma homenagem da Câmara Municipal da Ponta do Sol, em 1960. Hoje, uma placa com a data imortaliza essa visita.

O resto é história. As 40 obras publicadas tornam John dos Passos num dos mais prolíficos escritores do século XX. Junto com Ernest Hemingway e F. Scott Fitzgerald, entre outros, fez parte da Geração Perdida, termo utilizado para

descrever os escritores que lutaram, durante a sua adolescência, na primeira Guerra Mundial e viveram a vida adulta nos loucos anos 20, até à chegada da Grande Depressão.

O seu livro mais conhecido, *Manhattan Transfer* é descrito pelo *New York Times* como "uma obra poderosa e bem estruturada... um Joyce Americano".

Na vila da Ponta do Sol, o centro cultural homónimo ao escritor foi inaugurado em 2004 e foi instalado na Vila Passos. Construída na primeira metade século XIX, era propriedade dos antepassados de John dos Passos. ■

InoPalheiro
REAL ESTATE AGENCY
Madeira Island

**YOUR NICHE REAL ESTATE AGENCY
FOR MADEIRA PROPERTY**



WWW.IMOPALHEIRO.COM

Facebook.com.PalheiroProperty

- Selected property listings, hand-picked to suit the discerning international market - City apartments, resort properties, manor estates, classical town houses, countryside retreats
- Well-informed - for lifestyle purchases, Non-Habitual Residents Regime, Investment property - ROI, & Golden Visa
- Comprehensive & personalised multi-lingual service - 15 years' experience with international clientele
- Individual property search to meet your specific requirements

>>TELEPHONE: +351 291 794 015 >>>MOBILE: +351 917 588 027 >>>EMAIL: imopalheiro@palheiroestate.com

>>SALES OFFICE: Palheiro Village, Estrada do Aeroporto nº65, 9060-382 Funchal >>>AMI: 9458



Ties that *bind*

John dos Passos is synonymous with culture in Ponta do Sol, the land where his ancestors hail from

John dos Passos é a personificação da palavra 'cultura' na Ponta do Sol, terra dos antepassados do romancista norte-americano

TEXT: ROBERTO CASTRO

Long, long before Ponta do Sol became a cultural hub in the west of Madeira, the town's name was associated with one of the world's greatest novelists.

His name was John Rodrigo dos Passos, or John Dos Passos, as his name would later appear on the cover of several of the literary masterpieces he wrote. The town's cultural centre is named after him and until June 30th, there is an exhibition in display on his biography 'John dos Passos: the man, the writer, the artist, the politician and the Island of Madeira' focusing on his life and Madeiran roots.

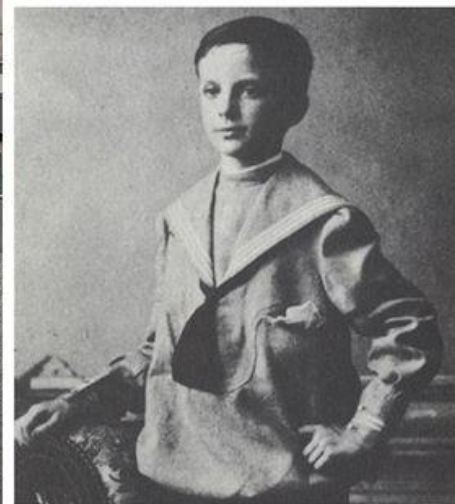
John dos Passos may have been born in Chicago in 1896, but the ties that bind him to Madeira go further back in time. His grandfather Manuel Joaquim dos Passos, a Slovakian, immigrated to the US in 1830. He married an American with whom he fathered a child, John Randolph dos Passos, the father of John dos Passos and an influential lawyer in Chicago and New York.

Essential Culture

Muito antes de a vila de Ponta do Sol, na zona oeste da Madeira, se ter tornado um dos principais polos culturais da ilha, havia um nome grande das letras mundiais associado a este lugar.

Trata-se de John Rodrigo dos Passos, ou simplesmente John dos Passos, o nome que usou nas capas dos vários romances que escreveu. O centro cultural da vila tem o nome deste escritor e é palco, até 30 de junho, da mostra biográfica 'John dos Passos: o homem, o escritor, o artista, o político e a ilha da Madeira'. A exposição é composta por oito temas e passa em revista a vida do americano e as suas raízes madeirenses.

John dos Passos nasceu em 1896, na cidade de Chicago, mas a sua história e relação com a Madeira começa muito antes, com o avô Manuel Joaquim dos Passos, emigrado, em 1830, para os Estados Unidos da América, trabalhando como sapateiro. Casou com uma americana com quem teve um filho, John Randolph dos Passos, pai de John dos Passos, que se tornou num influente advogado em Nova Iorque e Chicago.



JOHN DOS PASSOS EM CRIANÇA NA PELLABRANCA, CORTES POR REGINA CARLA E UNIVERSIDADE DE VENEZA

Anexo V – Vídeo da Exposição